

# International Gramsci Journal

---

Volume 4  
Issue 1 *Latin America and Gramsci / The Young  
Gramsci / Reviews*

---

Article 4

2020

## Gramsci, filólogo

Alvaro Bianchi

Follow this and additional works at: <https://ro.uow.edu.au/gramsci>

---

### Recommended Citation

Bianchi, Alvaro, Gramsci, filólogo, *International Gramsci Journal*, 4(1), 2021, 3-46.

Available at: <https://ro.uow.edu.au/gramsci/vol4/iss1/4>

Research Online is the open access institutional repository for the University of Wollongong. For further information contact the UOW Library: [research-pubs@uow.edu.au](mailto:research-pubs@uow.edu.au)

---

## Gramsci, filólogo

### Abstract

Este artigo reconstrói o lugar da filologia no pensamento de Antonio Gramsci e sua importância. Para tal investiga os debates filológicos que tinham lugar na península após a formação do novo Estado nacional; apresenta o percurso formativo deste autor na Facoltà di Lettere e Filosofia da Università di Torino, dando especial atenção aos seus estudos em linguística e filologia; e, por fim, se debruça sobre dois momentos da produção intelectual de Gramsci: um primeiro momento, antes da prisão, na qual a filologia era mobilizada em polémicas culturais, principalmente contra expoentes do nacionalismo italiano, e um segundo momento, na prisão, quando esta disciplina se torna constitutiva de um método histórico de pesquisa e da própria filosofia da práxis.

### Keywords

Filologia, Linguística, Método histórico, Antonio Gramsci

## *Gramsci, filólogo*

Alvaro Bianchi

Antonio Gramsci chegou em Torino, em outubro de 1911, aos vinte anos de idade, depois de passar sua infância e juventude na Sardenha. Na grande cidade, matriculou-se no curso de Filologia Moderna da *Facoltà di Lettere e Filosofia*, com uma bolsa de estudos do *Collegio Carlo Alberto*, a mesma que beneficiou seus futuros amigos, Palmiro Togliatti, aluno da *Facoltà di Giurisprudenza*, e Angelo Tasca, estudante de Letras.<sup>1</sup> Era o ano do cinquentenário da criação do Reino da Itália, para cuja celebração a cidade sediou uma Exposição Universal. Ano, também, da aventura bélica na Líbia, a qual alimentou fortes sentimentos nacionalistas e angariou simpatias entre os professores universitários. Tais sentimentos se expressavam frequentemente por meio de uma retórica grandiloquente de estilo passadista, como no discurso do reitor Francesco Ruffini por ocasião da abertura do ano acadêmico de 1911-1912, o qual se encerrava com uma prédica “A todos vocês, jovens, para fazer, que onde agora são realizados milagres de valor italiano, exista também, com o tempo, romana sabedoria de ordenamento e esplendor de itálica civilização” (*Annuario*, 1912, p. 6).

Embora Ruffini apelasse ao passado, desde o final do século XIX a *Università di Torino* vivia uma era de esplendor, recuperando-se de um período de decadência que chegou a seu momento mais baixo no período pré-unitário. Recebendo consideráveis subvenções públicas, foi capaz de atrair professores de todo o país, tornando-se uma das principais instituições culturais da jovem nação. A maior de suas unidades era a *Facoltà di Giurisprudenza*, com 858 estudantes em 1911, dos quais apenas seis eram mulheres (cf. *Annuario*, 1912). Centro da vida intelectual e civil da cidade nela se destacavam os professores Achille Loria, que desde 1903 coordenava o importantíssimo *Laboratorio di Economia Politica*, Gaetano Mosca e Luigi Einaudi. Também faziam parte do corpo

---

<sup>1</sup> Quando se tratar de uma ciência utiliza-se aqui a inicial minúscula, quando é um disciplina acadêmica a inicial adotada é maiúscula. Sobre a história da *Università di Torino*, ver D’Orsi (2002a). Sobre a *Facoltà di Lettere e Filosofia*, os ensaios reunidos em Lana (2000).

docente os senadores Giuseppe Carle e Giampietro Chironi, um atestado do forte empenho político dos membros da *Facoltà*.<sup>2</sup>

De acordo com o depoimento de Palmiro Togliatti, Antonio Gramsci podia ser encontrado “em todo lugar, se pode dizer, onde houvesse um professor o qual iluminasse uma série de problemas essenciais, de Einaudi a Chironi e Ruffini”, todos estes professores na *Facoltà di Giurisprudenza* (Togliatti, 2001, p. 140). Mas o lugar no qual se encontrava matriculado e para o qual seus interesses intelectuais convergiam, era, como visto, a *Facoltà di Lettere e Filosofia*. Esta era bem menor e mais diversa do que aquela na qual Togliatti estudava. No ano acadêmico de 1911-1912, reunia 163 alunos, dentre os quais, 67 mulheres. Naquele ano, entraram com Gramsci outros 40 estudantes, dos quais 25 eram mulheres, uma delas Maria Cristina Togliatti, irmã de Palmiro (*Annuario*, 1912, p. 270-1).

O empenho político, entretanto, também era ali notável, principalmente nos anos anteriores à entrada de Gramsci na *Facoltà*. Professores como Arturo Graf, Zino Zini e o livre-docente Umberto Cosmo, eram parte daquele movimento político-intelectual que Robert Michels denominou de “socialismo professoral” (Michels, 1979 [192&], p. 195). Do outro lado do espectro político, o historiador Pietro Fedele, interventista, deputado eleito em 1924 pela *Lista Nazionale*, depois fascista e Ministro da Instrução Pública entre 1925 e 1928. A este se somou, a partir de 1913, quando chegou ao Ateneo, o filólogo e professor de literatura Vittorio Cian, este um nacionalista e fascista de primeira hora contra o qual Gramsci dedicou não poucos artigos nas páginas do *Avanti!*.<sup>3</sup>

Esses anos como estudante foram aqueles nos quais Nino se considerava um “triplo ou quádruplo provincial”, como escreveu mais tarde a respeito de si (Q 15, § 19, p. 1776). Mas foram anos de transição. Sua cultura fortemente marcada ainda pelo social-sardismo e pela rebeldia espontânea, gradativamente foi reelaborada a partir do encontro com a alta cultura europeia sediada na

<sup>2</sup> Sobre a *Facoltà di Giurisprudenza* no início do século XX ver D’Orsi (1999, 2002a, p. 25–28).

<sup>3</sup> Por exemplo: Da De Sanctis a Cian. *Avanti!*, 18 gen. 1916 (CT, p. 81–82); Bolletino del fronte interno. *Avanti!*, 6 lug. 1916 (CT, p. 421–422); e Professori ed educatori. *Avanti!*, 17 apr. 1918 (CF, p. 860–862); Disagio. *Avanti!*, 21 lug. 1918 (NM, p. 193–195); Il Mondo, Bertoldo e il professore Cian. *Avanti!*, 11 set. 1918 (NM, p. 281–282); La Guerra continua, signori. *Avanti!*, 20 gen. 1920 (ON, p. 391–392).

*Università di Torino* e com o movimento socialista de uma grande cidade operária.<sup>4</sup> Nessa reelaboração manteve uma forte atenção às particularidades culturais, ao mesmo tempo em que integrava estas em uma compreensão da formação da nação italiana em um contexto europeu convulsionado. Local, nacional e internacional permaneciam como espaços e temporalidades irreduzíveis, embora profundamente imbricados. São os anos, também de sua formação como filólogo.

### 1. *Percurso acadêmico*

Em 1873 duas revistas que viriam a ter enorme influência intelectual, e existem ainda hoje, foram criadas em Torino. Em julho, a casa editora Loescher publicou o primeiro número da *Rivista di Filologia e d'Istruzione Classica*, dirigida pelo linguista Domenico Pezzi e pelo filólogo Giuseppe Müller; em setembro veio à luz, pela mesma casa, o *Archivio Glottologico Italiano*, tendo à frente Graziadio Ascoli.<sup>5</sup> O surgimento dessas publicações pode ser interpretado como parte de um movimento cultural mais amplo, no qual as revistas assumiam um papel de irradiação intelectual, conformando um ambiente intelectual que ia além da instituição universitária. Tal movimento, por sua vez, remete, de modo explícito à formação de uma cultura nacional em uma Itália pós-unitária, um objetivo que pode ser reconstruído por meio dos manifestos e proêmios que inauguravam essas publicações. O “Proêmio” redigido por Pezzi e Müller para o primeiro número da *Rivista* é, nesse sentido, exemplar:

Renascida da independência e da liberdade, a Itália, profundamente consciente de seu dever, sente e entende o que ainda falta em sua redenção perfeita e, desejando ressurgir intelectualmente, lamenta a decadência dos estudos que a honram continuamente nos séculos de infortúnio (Pezzi & Müller, 1873, p. 1).

O resgate de uma italianidade que enterrava suas raízes na Roma antiga parece ser o objetivo comum do renascimento filológico pós-

---

<sup>4</sup> Sobre essa reelaboração, ver Fiamma Lussana (2006). Sobre a questão do uso que Gramsci fazia da língua sarda em contextos não familiares, ver Alessandro Carlucci (Carlucci, 2013, cap. 1).

<sup>5</sup> Ver os insubstituíveis ensaios de Sebastiano Timpanaro sobre a *Rivista* (Timpanaro, 1972a) e sobre Ascoli e o *Archivio* (Timpanaro, 1972b).

unitário. Esse resgate era considerado essencial não apenas para a formação de uma identidade nacional, que reivindicava um papel de destaque no contexto europeu, mas, também, como princípio a partir do qual poderia ser formada uma nova classe dirigente. O programa de pesquisa histórica era, também, um programa pedagógico. Daí o destaque dado na *Rivista* à instrução, anunciado em seu próprio título e manifesto nesse “Proemio”. Tratava-se de uma tardia reação dos círculos intelectuais vinculados à *Università di Torino* e das classes dirigentes piemontesas às exigências da reforma educacional de 1859, que havia atribuído particular importância ao ensino do grego e do latim, bem como à necessidade de imprimir ao estudo da literatura uma direção “científica”, afastando-se da retórica, de acordo com o espírito positivista do tempo. A Alemanha indicava o caminho. Timpanaro (1972a) destacou o caráter subalterno que os estudos filológicos assumiam na Itália e a maneira como estes se subordinavam aos impulsos provenientes do país vizinho. Na *Rivista*, seus editores exortavam: “Emule a Alemanha no ardor magnânimo das novas investigações científicas e das reformas” (Pezzi & Müller, 1873, p. 2). A própria maneira dos diretores definirem o objeto da filologia seguia essa inspiração alemã. Tal objeto seria a

vida greco-latina, considerando-a nas várias ordens da revelação que ela deu de si, e com um método histórico e comparativo, isto é, nas épocas sucessivas através das quais se transformou e nas muitas e íntimas relações existentes entre o povo grego e latino, entre estes e quantos outros pertencem à grande família ariana. (...) A palavra helênica e latina, e às vezes também nas formas moderna ou neolatina, será objeto de análise científica especial (Pezzi & Müller, 1873, p. 4)

O índice dos temas tratados pela *Rivista* no primeiro ano ilustra essa maneira, de inspiração germânica, de conceber a filologia: uma seção de Linguística, dividida em a) Linguística geral e linguística greco-latina em particular e b) Linguística neolatina; outra seção de Filologia clássica, dividida em a) grega e b) latina; e duas seções adicionais, uma dedicada à Pedagogia, ou seja, à instrução clássica, e outra a variedades. Todo um amplo programa de trabalho, fortemente inspirado naquela ciência da antiguidade clássica que Friedrich August Wolf havia anunciado em sua famosa *Darstellung der Altertumswissenschaft*, que tanto influenciou a filologia praticada na

Itália (Wolf, 2002 [1807]).<sup>6</sup> O trabalho para levar a cabo esse programa inspirava-se no método histórico de corte positivista, como se pode ver na insistência do proêmio na “análise científica” da palavra. E nem poderia ser muito diferente, dada a simpatia que esse método gozava na Itália do último quarto do século XIX e, em especial, na cidade de Torino.

O *Archivio di Glottologia Italiana* tinha propósitos diversos, manifesto no “Proêmio” que Graziadio Ascoli escreveu para o primeiro número de sua revista, este muito mais abrangente e denso do que o anteriormente citado (Ascoli, 1873). Como se pode ver nesse texto inaugural, o *Archivio* engajava-se, desde seu primeiro número, em polêmica a respeito da formação de uma língua nacional na Itália pós-unitária e valorizava de modo decidido seus diferentes dialetos.<sup>7</sup> Foi com vistas à realização desse programa que Ascoli procurou demarcar a distância que deveria separar a glotologia da filologia. As duas disciplinas tinham um desenvolvimento desigual na cultura italiana. Os estudos clássicos e filológicos haviam tido uma era de ouro no Renascimento, mas, como o “Proêmio” da *Rivista* alertava, o estado destes no século XIX era deplorável. Outra era a situação da glotologia, a qual florescia há décadas, destacando-se no contexto internacional.<sup>8</sup> Ascoli alertava para o risco dos glotólogos colonizarem a filologia, impedindo seu desenvolvimento:

De fato, por mais estranho que pareça, não consigo deixar de advertir como é lamentável que neste despertar tão alegre da escola italiana, o favor da filologia clássica esteja longe de igualar, de qualquer maneira, o favor concedido aos estudos glotológicos. Parece quase que estes devem reagir contra aquela ou transformá-la de ponta a ponta; onde, como todos devem ver facilmente, são dois grupos de disciplinas importantes, bem diferentes entre si, no entanto, contatos mútuos abundam e, portanto, as oportunidades para que uma beneficie a outra (Ascoli, 1873, p. XXXVI).

---

<sup>6</sup> Nas narrativas padrão da história da filologia clássica, ou daquilo que no mundo anglo-saxão se denomina *classical scholarship*, Friedrich August Wolf aparece como o fundador da ciência e a *Darstellung* como seu momento de sistematização. A apresentação clássica dessa história está em Wilamowitz-Moellendorf (1982 [1921]), uma versão mais atual pode ser lida em Pfeiffer (1976). Pascale Hummel escreveu uma interessante história crítica dessa história da filologia que merece ser consultada, em particular para uma visão mais clara das disputas existentes em torno da própria ideia de filologia (Hummel, 2000). Sobre as origens históricas da filologia na Itália ver, em particular, Lucchini (2008).

<sup>7</sup> Ver a respeito o “Proêmio” que Ascoli (1873) publicou no primeiro número do *Archivio*.

<sup>8</sup> Ver a respeito as observações de Timpanaro (1972a).

Em sua defesa da filologia, Ascoli polemizava, embora sem citar, com autores como Giacomo Lignana, o qual considerava o grego e o latim “uma consequência, uma fase do princípio ariano” e a partir desse critério de unidade linguística afirmava “a unidade genética de toda a cultura indo-europeia” e, conseqüentemente, o fim da “absoluta autonomia da Filologia clássica” (Lignana, 1868, p. 56–57). Protestando contra a “indomania”, Ascoli achou por bem defender a filologia dos ataques que esta sofria (Ascoli, 1873, p. XXXVII–XXXVIII). Mas essa defesa não abria mão de uma hierarquia disciplinar. A glotologia, para Ascoli, era uma ciência natural, mas o mesmo não diria da filologia, a qual deveria em seus estudos recorrer ao método histórico (cf. Timpanaro, 1972b, p. 168). O exemplo ao qual recorreu para explicar a relação entre a glotologia e a filologia é sintomático dessa visão. De acordo com Ascoli, “um bom ensino de anatomia é desejável também nas academias de belas artes, mas o Laocoonte e o Apolo de Belvedere exigem outros intérpretes que não o legista” (Ascoli, 1873, p. XXXVI).

Para além desses empenhos políticos, intelectuais e acadêmicos, o lançamento quase simultâneo das duas revistas revela a existência de um campo em disputa e de fronteiras disciplinares pouco definidas entre a glotologia e a filologia, bem como o empenho de seus protagonistas em demarcar os limites de cada uma das áreas, definindo objetos e métodos de pesquisa. No ambiente acadêmico italiano a filologia ainda tinha seu significado e seu alcance disciplinar contestado, como se pode ver em dois manuais utilizados na Università di Torino, o *Manuale storico-bibliografico di filologia storica*, de Luigi Valmaggi (1894), e o *Lehrbuch der historischen Methode*, de Ernst Bernheim, cuja primeira edição é de 1889 e sua terceira edição, de 1903, foi traduzida para o italiano com o título *La storiografia e la filosofia della storia: manuale del metodo storico e della filosofia della storia* (Bernheim, 1907).

Valmaggi era professor de Gramática Grega e Latina na *Università di Torino* desde 1894 e notável editor de obras de Tácito. Reconstruindo em seu *Manuale* os debates das décadas precedentes, o autor apontava que a filologia poderia ser tanto a ciência da antiguidade clássica, como acreditava Wolf; quanto a crítica e a interpretação dos escritores gregos e romanos, posição mais restritiva proposta por Johann Gottfried Jakob Hermann (Valmaggi, 1894, p. 4). Inclinando-se por uma definição mais



restrita da filologia, Valmaggi procurava, ao mesmo tempo, libertar a disciplina do estudo exclusivo do mundo greco-romano. Desse modo, definiu o objeto de modo genérico como pertinente “exclusivamente àquelas disciplinas que, a partir do estudo da linguagem e da gramática, oferecem em primeiro lugar com a crítica e interpretação dos autores os principais elementos da história da literatura” (Valmaggi, 1894, p. 14). O número de disciplinas que conformavam a filologia reduzia-se, assim, significativamente. Restavam, como “parte principalíssima a crítica e a hermenêutica dos escritores” e como disciplinas subordinadas “a paleografia e a epigrafia, o estudo da língua, ou seja, da gramática, a retórica (estilística) e a poética (métrica), e, por fim, a história literária” (Valmaggi, 1894, p. 15).

A organização do *Manuale* sintetizava essa circunscrição do objeto. Na primeira parte eram apresentadas as disciplinas fundamentais – Glotologia, Paleografia e Epigrafia, Crítica e Hermenêutica e História literária –, enquanto a segunda parte era dedicada à História Antiga, à Numismática e Metrologia e à Arqueologia da Arte e tinha um caráter auxiliar.<sup>9</sup> A sequência das disciplinas fundamentais é importante. A formação linguística, bem como a aquisição de técnicas paleográficas e epigráficas tinham o propósito de preparar o estudo crítico e hermenêutico, fornecendo os instrumentos para uma pesquisa que culminaria em uma história literária. O ponto de chegada era o mesmo afirmado na *Darstellung* de Wolf, mas a enciclopédia de conhecimentos não era tão ampla, evitando, desse modo, confundir a filologia com toda a história.

Gramsci foi aluno de Valmaggi e provavelmente conhecia o *Manuale*, embora nunca tenha citado essa obra. Certamente também conheceu durante seus estudos na *Università di Torino*, o livro de Ernst Bernheim, sobre o método histórico.<sup>10</sup> Assim como Valmaggi, Bernheim distinguia a filologia da história e contestava aqueles como August Boeckh que consideravam a filologia como o

---

<sup>9</sup> A definição do objeto da filologia e o elenco disciplinar que organizaria tal ciência proposto por Valmaggi, não obteve consenso e nas páginas da *Rivista di Filologia e de Istruzione Classica*, Felice Ramorino procurou defender aquela visão mais abrangente da filologia e apresentar um amplo elenco das disciplinas que a constituiriam, as quais iam das disciplinas propedêuticas em torno das quais se organizaria o estudo das fontes textuais e monumentais, à história da vida intelectual e da vida prática (Ramorino, 1895).

<sup>10</sup> Gramsci citou o manual de Bernheim nos *Quaderni del carcere*, afirmando seu valor como um modelo de exposição que deveria ser seguido pela filosofia da praxis (ver, p. ex. Q16§3, p. 1845).

conhecimento de todo o saber existente. De acordo com Bernheim, essa concepção abrangente da filologia poderia fazer algum sentido nos estudos clássicos, devido ao caráter unitário de todas as manifestações do espírito greco-romano, mas não faria sentido para a filologia medieval ou para a moderna (Bernheim, 1907, p. 153–154). A necessária distinção entre as duas disciplinas residiria, de acordo com Bernheim, no fato de que enquanto a filologia fixava a palavra escrita no tempo, a história estaria interessada no desenvolvimento dos povos e de suas manifestações (Bernheim, 1907, p. 158). Desse modo, enquanto o método filológico seria sincrônico, o método histórico era, por definição, diacrônico. Filologia e história seriam, desse modo, “por matéria e método campos diferentes. Cada um é indispensável para o outro como ciência auxiliar, e com o contato próximo dos dois campos o historiador funciona tão frequentemente como filólogo quanto este como historiador” (Bernheim, 1907, p. 159)

Quando Gramsci ingressou na *Facoltà di Lettere e Filosofia* esses debates sobre o objeto e o método da filologia não haviam se encerrado e, na verdade, haviam se tornado ainda mais intensos. Na virada do século o professor de Literatura Grega da *Facoltà* e colaborador da *Rivista*, Giuseppe Fraccaroli, havia publicado o livro *L'irrazionale nella letteratura*, no qual levantava dúvidas sobre os resultados aos quais a filologia poderia chegar no estudo da literatura (Fraccaroli, 1903). Repercutindo a nascente reação antipositivista que encontraria na obra de Benedetto Croce sua maior força, Fraccaroli afirmava que aquilo que a arte tinha de irracional escaparia ao próprio juízo da razão tornando necessário impor limites “à filologia e à crítica racional” (Fraccaroli, 1903, p. 347). Em seu ataque à filologia o próprio lugar da disciplina na escola clássica era questionado:

A crítica deve estudar arte, mas não matá-la, e a educação artística não pode ser apenas, nem principalmente, educação filológica. Portanto, na escola, o puro filólogo, que na maioria das vezes nada mais é do que um puro imbecil, faz pelo menos tanto mal quanto o puro retórico, perverte e deturpa (Fraccaroli, 1903, p. 18).

As críticas de Fraccaroli à filologia despertaram comentários ambíguos de muitos, dentre eles Valmaggi, o qual nas páginas do *Bollettino Filologia Classica* reconheceu os méritos da obra e até

mesmo certos aspectos de sua crítica, mas destacou que as objeções que poderiam ser feitas a uma crítica “tola e falaciosa” não poderiam ser dirigidas à “toda a crítica” (Valmaggi, 1903, p. 124). Na *Rivista di Filologia e d'Istruzione Classica*, Gaetano De Sanctis, também criticou os “exageros parciais em relação com a crítica homérica”, mas terminou recomendando o livro de Fraccaroli, afirmando que sua leitura “poderá ser útil para os críticos evitarem exageros perigosos e unilateralidade, e não esquecerem, como infelizmente às vezes parecem fazer, que a norma fundamental da crítica é o bom senso” (De Sanctis, 1904, p. 42 e 57). No mesmo sentido escreveu Benedetto Croce na revista *La Critica*. Embora somando-se às ressalvas de Fraccaroli aos filólogos “os quais raciocinam sobre a arte sem senti-la ou compreendê-la, ou que acreditam que todo comércio com a arte deve limitar-se à colação de códigos e estatísticas de vocábulos”, Croce alertava: “E que culpa tem o *método filológico* (que é tão *racional* e não menos do que o *estético*) dos erros dos filólogos contra os quais Fraccaroli combate?” (Croce, 1903, p. 286).<sup>11</sup>

O livro de Fraccaroli abriu as portas para críticas mais fortes à filologia e não é exagero dizer que a disciplina se encontrava acossada naqueles anos nos quais Gramsci frequentou a *Facoltà di Lettere e Filosofia*. Não apenas o movimento neoidealista italiano movia uma forte campanha contra o positivismo do “método histórico”, com o qual a filologia se identificava, como, a partir do início da guerra, uma forte campanha antigermânica teve lugar em todo território nacional e atingiu a *Università di Torino*, com efeitos evidentes sobre o próprio prestígio da disciplina e daqueles professores que haviam se formado em universidades alemãs.

Esses embates em torno da própria ideia da disciplina e da prática filológica repercutiam no interior da *Facoltà di Lettere e Filosofia* da *Università di Torino* e na própria organização do curso de Filologia Moderna. Como visto, a linguística tinha um desenvolvimento científico superior na Itália e exerceu, no final do século XIX, sua supremacia sobre a filologia. Mas no início século XX, as duas disciplinas se compenetraram reciprocamente considerando-se a si próprias como conhecimentos não idênticos, mas complementares. A organização do curso, entretanto, invertia

---

<sup>11</sup> Anos mais tarde a cruzada de Croce contra a filologia assumiria tons mais duros em sua *Teoria e storia della storiografia* (Croce, 2001 [1915]).

claramente aquela supremacia e privilegiava no percurso formativo as disciplinas de Literatura, ocupando as matérias do estrito campo da Linguística um espaço muito reduzido. De acordo com o *Annuario da Università di Torino*, no primeiro ano, eram obrigatórias as disciplinas de Literatura Italiana, Literatura Latina, Literatura Grega, História Moderna e Glotologia, além de duas disciplinas à escolha. No segundo ano, as mesmas disciplinas de Literatura e História, mais Literatura Neolatina e uma disciplina a escolher. No terceiro ano, Literatura Italiana, Literatura Neolatina, Filosofia Teorética ou História da Filosofia, História da Arte ou uma das disciplinas de Literatura Moderna, além de uma matéria à escolha. Por fim, o último ano era dedicado às matérias de Filosofia Teorética ou História da Filosofia e História da Arte ou uma das disciplinas de Literatura Moderna (*Annuario*, 1912, p. 253-5).

Às disciplinas obrigatórias seguia-se um elenco considerável de matérias complementares e cursos livres, os quais, entretanto, não podiam exceder 15 horas semanais. Além das disciplinas obrigatórias, Gramsci matriculou-se em Sânscrito, Gramática Grega e Latina, Geografia, Filosofia Moral e duas disciplinas de Literatura Moderna (Alemã e Inglesa), quando o currículo previa apenas uma (Ver Tabela 1). Também devem ser destacadas as disciplinas de Magistério, das quais matriculou-se nas de Literatura Italiana, Literatura Grega, Literatura Latina, Gramática Latina e Grega e Legislação Escolar. As escolhas de Gramsci são reveladoras de seus interesses variados, mas chama a atenção a presença de duas disciplinas que tinham por objetivo reforçar seu conhecimento linguístico, completando, de certo modo, aquele único ano de Glotologia que cursou com Matteo Bartoli: Sânscrito, que fez com o professor Italo Pizzi, e Gramática Grega e Latina, da qual foi aluno do próprio Valmaggi.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> O fundador da revista *Belfagor*, Luigi Russo, foi o primeiro a prestar atenção às disciplinas cursadas por Gramsci, trabalhando a partir de documentos encontrados por Giuseppe Vidossi na secretaria da *Università di Torino* (ver Russo, 1947, p. 399–400). Ver tb. a completíssima cronologia presente no *Epistolario* publicado na *Edizione Nazionale degli Scritti di Antonio Gramsci* (E, 2009).

**Tabela 1**

*Disciplinas cursadas por Antonio Gramsci na Facoltà di Lettere e Filosofia*

<b>Disciplina</b>	<b>Ano</b>	<b>Caráter</b>	<b>Professor</b>	<b>Exame</b>
Literatura Italiana	1911-1912	Obrigatória	Arturo Graf (Umberto Cosmo)	
Literatura Latina	1911-1912	Obrigatória	Ettore Stampini	
Literatura Grega	1911-1912	Obrigatória	Angelo Taccone	
História Moderna	1911-1912	Obrigatória	Pietro Fedele	
Glotologia	1911-1912	Obrigatória	Matteo Bartoli	30 e louvor 4 nov. 1912
Gramática Latina e Grega	1911-1912	Optativa	Luigi Valmaggi	27/30 4 nov. 1912
Geografia	1911-1912	Optativa	Luigi Hugues	20/30 4 nov. 1912
História da Arte	1911-1912	Complementar	Pietro Toesca	
Literatura Latina	1911-1912	Livre	Carlo Giambelli	
História Moderna	1911-1912	Livre	Francesco Lemmi	
Literatura Italiana	1912-1913	Obrigatória	Umberto Cosmo	
Literatura Latina	1912-1913	Obrigatória	Ettore Stampini	
Literatura Grega	1912-1913	Obrigatória	Angelo Taccone	24/30 18 abr. 1914
Literatura Neolatina	1912-1913	Obrigatória	Rodolfo Renier	27/30 11 nov. 1914
História Moderna	1912-1913	Obrigatória	Pietro Fedele	27/30 2 abr. 1914
Filosofia Moral	1912-1913	Optativa	Zino Zini	25/30 28 mar. 1914
Magistério de Literatura Grega	1912-1913	Complementar	Angelo Taccone	
Magistério de Literatura Latina	1912-1913	Complementar	Ettore Stampini	
Magistério de Literatura Italiana	1912-1913	Complementar	Umberto Cosmo	

Magistério de Gramática Latina e Grega	1912-1913	Complementar	Luigi Valmaggi	
Legislação Escolar	1912-1913	Complementar	Ettore Stampini	
Literatura Italiana	1913-1914	Obrigatória	Vittorio Cian	
Literatura Latina	1913-1914	Obrigatória	Ettore Stampini	
Literatura Neolatina	1913-1914	Obrigatória	Rodolfo Renier	
Literatura Alemã	1913-1914	Optativa	Arturo Farinelli*	
História da Filosofia	1913-1914	Optativa	Rodolfo Mondolfo**	
Sânscrito	1913-1914	Optativa	Italo Pizzi	
Literatura inglesa	1913-1914	Optativa	Federico Olivero	
Literatura Alemã	1914-1915	Optativa	Arturo Farinelli	
História da Filosofia	1914-1915	Optativa	Giovanni Vidari	
Filosofia Teorética	1914-1915	Livre	Annibale Pastore	
Literatura inglesa	1914-1915	Complementar	Federico Olivero	

\* De acordo com D’Orsi, com base em um depoimento de Giovanni Vittorio Amoretti, Gramsci frequentou apenas ocasionalmente as aulas de Literatura Alemã (D’Orsi, 2002b, p. 174). Entretanto, a memória do estudante de filologia sobre aulas de Farinelli, como será visto, era muito viva.

\*\* D’Orsi (2002b, p. 178) afirma que Gramsci não chegou a cursar a disciplina de Mondolfo e que no ano em que a disciplina era obrigatória Gramsci não frequentava mais a *Facoltà*. Gramsci matriculou-se no curso de Mondolfo em seu terceiro ano acadêmico (1913-1914), quando a disciplina entrava na grade curricular como uma opção a Filosofia Teorética e assistiria aulas até o ano 1914-1915, embora com frequência cada vez menor, quando cursou a disciplina de Filosofia Teorética com Annibale Pastore, conforme o testemunho deste professor (Quaranta, 1952, p. 3).

Fonte: (E, p. 424-6).

O interesse de Gramsci nas disciplinas era variado e dependia não apenas de suas preferências intelectuais, mas também do tipo de relação que estabelecia com os docentes. Annibale Pastore, que mais tarde assumiu a cátedra de Filosofia Teorética, narrou em um depoimento a atitude de Gramsci: “se ele estivesse interessado no

assunto, ia sentar-se nos bancos mais altos da sala de aula e lá permanecia imóvel como uma esfinge” (apud D’Orsi, 2002b, p. 179). Particularmente forte foi sua relação com o linguista Matteo Bartoli. Um dos grandes nomes da linguística italiana, esse professor havia sido influenciado pela obra do filósofo neoidealista Benedetto Croce e enfatizava em sua polêmica com os neogramáticos o caráter histórico e geográfico de sua disciplina.<sup>13</sup>

Gramsci colaborou com Bartoli em mais de uma ocasião. Há registros desse trabalho comum na correspondência de Gramsci com seus familiares da Sardenha, como na carta que o próprio Antonio encaminhou a Francesco Gramsci, em 3 de janeiro de 1912, solicitando esclarecimentos a respeito de algumas palavras do sardo, “mas no dialeto de Fonni” (*E*, p. 90); na correspondência a sua mãe, Giuseppina Marcias, de 13 de janeiro de 1913, pedindo que sua irmã Teresina lhe encaminhasse uma lista de palavras referentes à fabricação do pão e à tecelagem (*E*, p. 122); bem como nas cartas a sua irmã Teresina, pedindo alguns esclarecimentos sobre palavras no dialeto logudorese, datadas dos dias 24 de novembro de 1912 e 26 de março de 1913 e a resposta de Teresina a esta última no dia 3 de abril de 1913 (*E*, p. 125–126).

Essa colaboração, bem como a compreensão e o apoio que o estudante recebeu do professor foi destacada por sua colega de aula, Azelia Arici, em um depoimento que Alfonso Leonetti tornou público (1978, p. 85). Segundo Arici, as pesquisas de Gramsci a respeito do sardo estavam destinadas à composição “de um grande Atlante Linguístico”, no qual Bartoli trabalhava (Leonetti, 1978, p. 85). De acordo com Giancarlo Schirru, as solicitações que Gramsci encaminhou diretamente a sua irmã e a resposta desta visavam fornecer material empírico para a composição do dicionário etimológico românico, no qual trabalhava o professor suíço radicado em Viena, Wilhelm Meyer-Lübke, com o qual Bartoli, seu discípulo, colaborava (Schirru, 2011, p. 956; 2016, p. XXXIV). Esta hipótese é reforçada por um cartão postal recentemente encontrado, no qual Bartoli agradece efusivamente a Gramsci sua contribuição (Schirru, 2017).

---

<sup>13</sup> Sobre as pesquisas de Bartoli, Gramsci escreveu no cárcere: “A inovação e Bartoli é precisamente esta: que fez da linguística, concebida estreitamente como ciência natural, uma ciência histórica cujas raízes devem ser procuradas ‘no espaço e no tempo’ e não no aparelho vocal compreendido fisiologicamente” (Q3§74, p. 352).

No ano acadêmico de 1912-1913, Gramsci voltou a assistir a disciplina de Bartoli como aluno ouvinte e, a pedido deste, redigiu uma apostila com a exposição do curso de Glotologia (Gramsci, 2016). A apostila, recentemente editada por Giancarlo Schirru é um importante documento dos estudos linguísticos e filológicos de Gramsci. No curso de Bartoli, a língua sarda aparecia como contraprova de sua tese a respeito da mudança linguística por meio do contato entre diferentes populações. As inovações ocorridas no latim por meio de seu contato com outras línguas italianas não teriam ocorrido do mesmo modo nas regiões mais isoladas da Sardenha e da Etrúria, as quais preservaram elementos não indo-europeus. A correspondência, na qual Gramsci solicitou informações sobre o dialeto de Fonni, uma comuna localizada na região central e mais isolada da ilha, tinha, desse modo, o propósito de fornecer a Bartoli o material empírico necessário para sustentar sua hipótese (Rosiello, 1986, p. 238).<sup>14</sup>

Gramsci também teve uma relação muito próxima com Umberto Cosmo, o professor livre-docente de Literatura italiana e especialista na obra de Dante Alighieri que substituiu Arturo Graf quando o agravamento de sua saúde lhe impediu de continuar lecionando. Cultor do método histórico, Cosmo foi professor de Angelo Tasca, Umberto Terracini e Piero Sraffa no *Liceo Gioberti*. Socialista, exerceu grande influência sobre os jovens alunos e manteve com Gramsci uma relação de afeto e de mútua

---

<sup>14</sup> Na apostila do curso de Bartoli, Gramsci registrou em uma nota: “Referimo-nos principalmente ao dialeto da Sardenha central ou Logudorese, que foi menos exposto a inovações; às vezes também falaremos do sardo meridional ou campidanese, que é menos conservador; o dialeto da Sardenha setentrional ou gallurese não é sardo” (Gramsci, 2016, p. 17). Ver também, as observações de Bartoli a respeito da Sardenha, em particular de sua região central, no *Breviario de linguística* (Bertoni e Bartoli, 1925, p. 67–70). Gramsci tinha uma cópia do *Breviario* quando foi preso, como se deduz da carta que escreveu em 1926 para sua senhoria, Clara Passage, solicitando que lhe enviasse o livro que se encontrava “no armário em frente à cama” (L, p. 3). A carta foi apreendida pela polícia e nunca chegou à destinatária. Mais tarde, em 3 de outubro de 1927 o prisioneiro expressou a sua cunhada a vontade de receber uma cópia do livro (L, p. 124). Seu objetivo era usa-lo para escrever um ensaio de crítica aos neogramáticos, como relatou em sua carta a Tatiana de 12 de dezembro de 1927, na qual também anunciou que havia desistido de escrever esse texto e que o livro não era mais necessário (L, p. 140).



admiração.<sup>15</sup> Na prisão, Gramsci narrou a relação intelectual que teve com Cosmo em uma carta de 17 de agosto de 1931:

Quando eu era estudante de Cosmo, em muitas coisas, não estava de acordo com ele, é claro, embora na época eu não tivesse especificado minha posição e aparte o carinho que me ligava a ele. Mas me parecia que eu e Cosmo, como muitos outros intelectuais da época (pode-se dizer nos primeiros 15 anos do século), estávamos em um terreno comum: participamos, no todo ou em parte, do movimento de reforma moral e intelectual promovido na Itália, por Benedetto Croce, cujo primeiro ponto foi esse: que o homem moderno pode e deve viver sem religião e se entende sem religião revelada ou positiva ou mitológica ou como se desejar chama-la (*L*, p. 446-7).

Cosmo e Gramsci chegaram a ser muito próximos e o professor procurou ajudar seu estudante de várias maneiras, inclusive materiais. Repetidas vezes, incentivou seu aluno a escrever um ensaio sobre Machiavelli e o machiavellismo, mesmo depois deste ter interrompido seus estudos, uma insistência que o prisioneiro narrou a sua cunhada, em carta de 23 de fevereiro de 1931: “era uma ideia sua fixa, desde 1917, que eu deveria escrever um estudo sobre Machiavelli, e me recordava isso em todas as oportunidades” (*L*, p. 397).<sup>16</sup> Cosmo também propôs para Gramsci a publicação, em 1918, de um conjunto de ensaios que este havia publicado no jornal *Avanti!* e se dispôs a escrever um prefácio, mas a proposta foi recusada (cf. *L*, p. 455–456).

Foi, enfim, para Cosmo que Gramsci quis mostrar as notas que havia redigido na prisão sobre o Canto X do Inferno de Dante Alighieri, acreditando que seu ex-professor “como especialista em danteria, poderá me dizer se eu fiz uma falsa descoberta ou se realmente vale a pena compilar uma contribuição, uma miudeza para acrescentar aos milhões e milhões de notas que já foram escritas” (*L*, p. 457-8). Tania Schucht fez chegar a Cosmo as anotações de Gramsci e o professor respondeu em uma carta de 29 de dezembro de 1931, concordando com a interpretação de seu ex-

---

<sup>15</sup> Essa relação foi abalada em 1920 por um violento artigo que Gramsci escreveu nas páginas de *L'Ordine Nuovo*, em resposta às críticas que Cosmo havia dirigido aos jovens socialistas (*ON*, p. 758–761). A reconciliação ocorreu dois anos depois, em Berlim, quando Gramsci procurou seu antigo professor na Embaixada Italiana na qual exercia um cargo diplomático. O episódio foi narrado por Gramsci a sua cunhada Tatiana Schucht em uma carta de 23 de fevereiro de 1931 (*L*, p. 397–398).

<sup>16</sup> O projeto, entretanto, materializou-se no *Quaderno 13*, dedicado a Machiavelli e no qual a machiavellística ocupa um lugar também de destaque.

aluno e avizinhando-a a suas próprias lições: “Parece-me que nosso amigo acertou e eu também sempre ensinei algo que se aproximava de sua interpretação” (L, p. 846). A correspondência de Cosmo com Gramsci, a qual devido às restrições na prisão ocorria por intermédio de Tania, é importante também por uma pequena passagem na qual o professor de Torino compara seu querido aluno com outro de seus prediletos, Pietro Gerosa:

Duas almas opostas, mas que concordaram em dar mais importância ao fato religioso, político e social da literatura do que à estética. Para um, Cantù estava certo, para o outro, Settembrini, e eu tive que mostrar as deficiências de ambos os críticos e fazer valer as razões de De Sanctis (L, p. 845).<sup>17</sup>

A formação filológica de Gramsci passou também pelas aulas de Ettore Stampini, de Angelo Taccone e Arturo Farinelli. Stampini foi diretor da *Rivista di Filologia e d'Istruzione Classica* entre 1897 e 1920 e editou um número considerável de clássicos gregos e latinos para a editora Loescher. Mantinha uma posição fortemente nacionalista, tornando-se mais tarde fascista, e provavelmente não contava com a simpatia de Gramsci. É possível até certa animosidade, como se infere do episódio narrado na já citada memória de Arici, no qual o jovem estudante interrompeu Stampini durante uma aula, “com palavras vibrantes de indignada desaprovação” (Leonetti, 1978, p. 86).<sup>18</sup> De acordo com Timpanaro, Stampini era um filólogo “dotado de preparação sólida e ampla, mas, eu diria, pouco capaz de contribuições originais”. Nos debates propriamente filológicos, como naquele que teve lugar depois da publicação do citado livro de Fraccaroli, o professor de Literatura Latina tendia a permanecer neutro (Timpanaro, 1972a, p. 425). Também não deve ter sido muito marcante o professor de Literatura Grega, Angelo Taccone, ex-aluno de Fraccaroli, “estudioso honesto e culto, mas menos dotado de personalidade independente”, “filólogo com bom senso e bem informado” segundo Timpanaro (1972a, p. 433).

Sobre Stampini e Taccone não há registro na obra de Gramsci. O único sinal é uma carta que Angelo Tasca lhe envia com uma

---

<sup>17</sup> Na prisão, Gramsci definiu Gerosa como um “fanático rosminiano e agostiniano”, referências ao filósofo e teólogo católico Antonio Rosmini e a Santo Agostinho, a respeito do qual Gerosa escreveu um livro (L, p. 396).

<sup>18</sup> Sobre Stampini, ver D’Orsi (2002a, p. 29 e 43).

referencia jocosa à “melodia de Taccone” (E, p. 141). Já o filólogo e comparatista Arturo Farinelli, professor de Literatura Alemã desde 1907 na Università di Torino, parece ter despertado a admiração do aluno, que a expressou veementemente em artigo que escreveu para o *Corriere Universitario*, em 1913, quando ainda frequentava as aulas na *Facoltà* (CT, p. 3–5).<sup>19</sup> Três anos depois, em abril de 1916, Gramsci se referiria a Farinelli em um artigo publicado no jornal *Avanti!*, como “professor de literatura alemã em nossa universidade e verdadeiro professor de vida e humanismo para os jovens” (CT, p. 251). E em novembro desse mesmo ano chamaria o docente de “valentíssimo professor” (CT, p. 622). Essa opinião extremamente positiva era partilhada por Togliatti, o qual em um discurso de homenagem a Gramsci pronunciado na *Univerisità de Torino*, em 1949, traçou um vivo retrato de Farinelli, chamando-o de “grande espírito”. A impressão que o professor causou sobre o jovem Palmiro também deve ter sido forte: “Havia algo vulcânico em suas lições, demorando-se com uma voz tênue na investigação literária, da qual, no entanto, explodia às vezes como uma chama seu espírito animador” (Togliatti, 2001, p. 140).

Nos *Quaderni del Carcere*, entretanto, Gramsci expressou uma apreciação mais matizada com relação a Farinelli, distanciando-se dos elogios juvenis. Fez a respeito uma brevíssima mas exata referência ao livro de seu professor, *Il romanticismo nel mondo latino* (Farinelli, 1927), recomendando um capítulo presente no segundo volume da obra, referente ao “motivo do ‘homem fatal’ e do ‘gênio incompreendido’”, um tema que Gramsci relacionou com a “[o]rigem popularesca do super-homem” (Q16§15, p. 1884). Mas Gramsci incluiu o filólogo entre aqueles intelectuais que se caracterizavam por subverter os lugares comuns com o efeito de obter “o máximo de elegância e do esnobismo intelectual e moral”. Giovanni Papini, o antigo editor de *La Voce*, era para Gramsci expressão dessa tendência. De acordo com Gramsci nessa mesma “serie intelectual deve ser posto Farinelli com seu lirismo e

---

<sup>19</sup> Sobre Farinelli ver o perfil biográfico no *Dizionario Biografico degli Italiani* (Strappini, 1995).

patetismo que são ainda mais desajeitadamente pedantes do que os escritos de Zumbini” (Q17§35, p. 1938).<sup>20</sup>

Ao contrário de seus amigos Angelo Tasca, Palmiro Togliatti e Umberto Terracini, Gramsci não chegou a concluir seu curso e não obteve a láurea em Filologia Moderna. A penosa situação financeira na qual se encontrava lhe impedia de se alimentar e vestir adequadamente no rigoroso inverno turinês e seus problemas de saúde eram frequentes. Seu desempenho acadêmico não foi dos melhores. A disciplina de Glotologia ministrada por Bartoli foi a única na qual Gramsci obteve a nota máxima *cum laude*. Prestou menos da metade dos exames requeridos, o último deles em abril de 1915, e com o fim de sua bolsa de estudos encerrou a contragosto sua passagem pela Universidade (D’Orsi, 2017, p. 61ss). O plano de retornar os estudos de linguística sob a orientação de Bartoli permaneceu, entretanto, pelo menos até o final de 1918 e o início de 1919, quando o início da publicação do jornal *L’Ordine Nuovo* e sua atividade militante passou a concentrar todas suas energias (cf. Schirru, 2011, p. 925–926).

## 2. *Filologia como arma de combate*

Embora os estudos linguísticos de Gramsci e o impacto destes sobre suas próprias ideias, principalmente sobre o conceito de hegemonia, tenham sido objeto de um número considerável de estudos, alguns deles contribuindo de maneira importante para a compressão da formação e do pensamento do sardo, o mesmo não pode ser dito a respeito de sua formação filológica.<sup>21</sup> Ela é, entretanto, fundamental, para um conhecimento mais apurado do método que guiava seu trabalho intelectual.<sup>22</sup> A reivindicação desse método e das raízes deste em sua vida acadêmica aparecem em

---

<sup>20</sup> Provavelmente trata-se do crítico literário Bonaventura Zumbini (1836-1916). Gramsci talvez conhecesse a pesada crítica que Benedetto Croce moveu contra Zumbini, considerando-o um autor sem nenhuma originalidade e culminando com um juízo devastador: “Zumbini, como teórico da arte, não faz nada; como expositor de obras de arte, pouco; como crítico estético, pouquíssimo” (Croce, 1894, p. 159).

<sup>21</sup> O tema da língua e da linguagem em Gramsci receberam pouca atenção até meados dos anos 1970. Tullio De Mauro dedicou algumas páginas às ideias linguísticas de Gramsci, em sua *Storia linguistica dell’Italia* (De Mauro, 1963); mais tarde Luigi Rosiello, apresentou uma comunicação no congresso de estudos gramscianos de Cagliari, em 1967 (Rosiello, 1970); e, em 1979, Franco Lo Piparo publicou *Lingua, intellettuali e egemonia*, o livro que iria consolidar esse campo de de estudos (Lo Piparo, 1979). Para uma reconstrução dessa trajetória, ver os estudos publicados na coletânea organizada por Peter Ives e Rocco Lacorte (2010).

<sup>22</sup> A respeito do método de Gramsci, ver Buttigieg (1990), Bianchi (2017) e Areco (2019).

diversos momentos de sua obra. De grande importância para o argumento aqui apresentado é uma nota autobiográfica que inseriu em um artigo publicado no jornal *Avanti!*, em dezembro de 1916, no qual discutiu com os organizadores da *Università Popolare*, iniciativa de formação voltada para jovens trabalhadores. Nesse artigo, Gramsci fez uma reconstrução de seu percurso formativo e de seus interesses na *Facoltà di Lettere e Filosofia* em uma passagem que vale a pena citar extensamente:

Quem escreve essas anotações também fala um pouco por experiência pessoal. Ele se lembra mais intensamente dos cursos de graduação da universidade, nos quais o professor o fez sentir o trabalho de investigação ao longo dos séculos para conduzir à perfeição esse método de pesquisa. Para as ciências naturais, por exemplo, todo o esforço que custa libertar o espírito dos homens dos preconceitos e apriorismos divinos ou filosóficos, para chegar à conclusão de que as fontes de água têm origem na precipitação atmosférica e não no mar. Para a filologia, como chegamos ao método histórico através das tentativas e erros do empirismo tradicional e como, por exemplo, os critérios e crenças que guiaram Francesco De Sanctis ao escrever sua história da literatura italiana, eram verdades que se afirmaram através de experiências e pesquisas cansativas, que libertaram os espíritos da escória sentimental e retórica que poluíra os estudos da literatura no passado. E assim para os outros assuntos. Esta foi a parte mais vital do estudo: esse espírito recreativo, que fazia assimilar os dados enciclopédicos, e os fundia em uma chama ardente da nova vida individual (CF, p. 674–675).

As duas referências implícitas nesse texto são Matteo Bartoli, que lhe fez “sentir o trabalho de investigação ao longo dos séculos para conduzir à perfeição esse método de pesquisa”, e Umberto Cosmo, citado por intermédio de Francesco de Sanctis. Mas o que mais se destacava nesse artigo era sua insistência no método e, em particular, no “método de pesquisa” e para a filologia no “método histórico”. A *Facoltà* foi o lugar no qual Gramsci tomou contato com a pesquisa científica e com o método histórico, uma aquisição que lhe acompanhou pelo resto da vida. O testemunho de Palmiro Togliatti reforça essa ideia. A respeito dos estudos de Gramsci na Universidade, Togliatti narrou esse interesse pela filologia já em 1927, em um retrato publicado logo após sua prisão e destinado a afirmar o lugar de seu companheiro como líder do partido: “em uma idade muito jovem, dedicava ainda a maior parte de sua atividade à pesquisa científica em filologia, em um campo que parece estar entre os mais áridos e abstratos, o da ciência da origem

das palavras e das línguas” (Togliatti, 2001, p. 41–42). Anos depois, no já citado discurso de 1949, o mesmo Togliatti voltou ao tema, afirmando que na *Università di Torino*, Gramsci havia aprendido

Antes de mais nada, uma qualidade que, não digo, que viesse do positivismo, mas certamente vinha dos grandes amantes do método histórico que então ensinavam aqui: a precisão do raciocínio, o gosto pela informação exata, o desdém e até a repugnância moral, eu diria, pelo improvisado e a superficialidade. (...) Esse amor filológico pela documentação precisa nunca o abandonará” (Togliatti, 2001, p. 141).

Gramsci fez uso dessa formação em artigos de polêmica contra o nacionalismo antifilológico. Em uma dessas ocasiões enfrentou Ettore Romagnoli, professor de Literatura Grega na *Università di Padova*, o qual desde 1915, e na esteira do citado livro de Fraccaroli, havia lançado, nas páginas do jornal *Gli Avvenimenti*, de Milano, uma violenta campanha contra a filologia e o germanismo na cultura italiana.<sup>23</sup> Na véspera do artigo de Gramsci, o professor de Padova havia proferido uma conferência com o título *Musica italiana e musica tedesca* na Sala Ambrosio de Torino, a convite da *Lega d’Azione Antitedesca di Torino*. No dia 15 de janeiro de 1917, nas páginas do *Avanti!*, veio à luz a implacável crítica. Em sua polêmica contra o professor de Padova, Gramsci recorreu a um argumento tipicamente filológico, questionando se a edição italiana utilizada por Romagnoli do *Katechismus der Musikgeschichte*, do alemão Hugo Riemann, correspondia à última edição revista do livro. Caso contrário, pensava, o professor de Padova não poderia acusar o alemão de não falar “de fatos que ocorreram depois que o livro foi pela primeira vez compilado” (*S 1917*, p. 35).<sup>24</sup> Gramsci concluía sua crítica com palavras duras que reivindicavam as realizações da filologia alemã ao mesmo tempo em que questionava a campanha antifilológica:

Romagnoli, que quer ganhar popularidade a preço baixo, faria melhor, sem dúvida, se dedicasse seu tempo a trabalhar na literatura grega e erradicar o

---

<sup>23</sup> Os artigos foram depois reunidos no livro *Minerva e lo scimmione* (Romagnoli, 1917).

<sup>24</sup> A suspeita de Gramsci não se verificava. A edição italiana, traduzida por Enrico Bongioanni havia sido feita com base na segunda edição alemã de 1901, como se pode ver no frontispício (Riemann, 1903). Todas as lacunas apontadas por Romagnoli em seu discurso eram anteriores a essa data (sobre o tema, ver as observações do aparato crítico em *S 1917*, p. 36n).

germanismo da cultura italiana, fazendo pelos estudos italianos o que os professores alemães fizeram pelos estudos de seu país, sem barulho e com mais tenacidade e modéstia” (S, p. 35).

A resistência de Gramsci à campanha antifilológica e antigermânica continuou naquele ano de 1917 com dois artigos de forte oposição a Arnaldo Monti, professor do *Liceo Classico Massimo D’Azeglio* e presidente do *Fascio Studentesco per la Guerra e per l’Idea Nazionale*.<sup>25</sup> Gramsci condenava as críticas que Monti havia feito ao uso nas escolas italianas do livro de exercícios de latim escrito pelo alemão Ferdinand Schultz. De uso corrente na escola clássica italiana, Gramsci havia estudado com esse livro e embora o considerasse falho em vários aspectos, identificava no ataque a Schultz uma oposição velada à escola clássica.<sup>26</sup> Embora não citasse explicitamente Fraccaroli e Romagnoli em seus artigos contra Monti, o jovem jornalista identificava em Monti aquelas tendências presentes nesses autores, as quais valorizavam a crítica estética em detrimento da crítica textual proposta pelo método histórico. Gramsci alinhava-se ao lado dos filólogos como Gerolamo Vitelli, o qual nas páginas do jornal *Il Marzocco* combatia o antigermanismo e movia forte defesa da filologia. Para Gramsci, Monti e aqueles “três ou quatro (ou quatrocentos ou quatro mil) canalhas” aos quais havia se referido Vitelli, tinham o propósito de “desnaturar a escola clássica, que tem uma tarefa muito específica, e reduzi-la a uma escola de retórica vazia e de estudos artísticos inconclusivos” (S 1917, p. 603).<sup>27</sup>

O valor da escola clássica e do estudo do latim estava, para Gramsci, no tipo de formação que permitiam aos jovens. Ao contrário das críticas frequentes a respeito do caráter abstrato do ensino clássico e da contraposição deste com os resultados obtidos pelas escolas técnicas e profissionalizantes, Gramsci considerava que a escola clássica possuía um fim “concreto”, “uma concretude ideal”. Ela preparava os jovens “que têm um cérebro completo, pronto para compreender todos os aspectos da realidade, acostumado a críticas, análises e sínteses; acostumado a ir dos fatos

---

<sup>25</sup> Ver Monti (1917a, 1917b).

<sup>26</sup> Para a opinião de Gramsci com relação ao ensino do grego e do latim nas escolas ver Fonzo (2019, cap. 3) e Carlucci (2009).

<sup>27</sup> Gramsci citará nos *Quaderni* a reconstrução que Gerolamo Vitelli fez da história da filologia (Q, § 60, p. 900).

às ideias gerais e, com essas ideias gerais, julgar todos os outros fatos” (S 1917, p. 603–604). Era para a realização desse ideal escolar que a filologia contribuía decisivamente. Segundo Gramsci:

A escola clássica alcança o objetivo ideal descrito acima através do estudo das línguas latina e grega. O estudo dessas línguas feito filologicamente, não de acordo com os métodos da escola Berlitz. (...) O estudo filológico do latim acostuma o aluno, o futuro cidadão, a não negligenciar nada da realidade que examina, fortalece seu caráter, acostuma-o ao pensamento concreto, histórico, da história que flui harmoniosamente, apesar das oscilações e abalos, porque sempre existe aquilo que continua a tradição, aquilo que continua o passado e muitas vezes aquilo que continua não é a aparência, mas o negligenciado, o ignorado, aquilo não deve ser negligenciado e ignorado (S 1917, p. 604).

A escola clássica seria responsável pela formação de uma sensibilidade histórica imprescindível a uma moderna vida autônoma. O método histórico, essencial para a formação dessa sensibilidade, seria aprendido “no estudo das línguas mortas” e deveria ser levado a cabo, segundo Gramsci, “no estudo de qualquer ciência” (S 1917, p. 604). Visto desse modo, o método histórico e a filologia adquiriam uma surpreendente função pedagógica, na qual Gramsci insistiria mais tarde nos *Quaderni del carcere*. A polêmica com Monti não se encerraria, entretanto, neste ponto. O presidente do *Fascio* voltou à carga pouco depois, respondendo o artigo de Gramsci. Negou que fosse contrário à escola clássica, apontou erros ortográficos nas páginas do *Avanti!* e afirmou que sua resenha era uma “fria e desapaixonada pesquisa gramatical” para depois concluir que “Schultz recolheu, em seus exercícios latinos, não poucas proposições historicamente falsas, contraditórias, ambíguas, impróprias, inexatas, retrógradas, insípidas ou tolas, até ofensivas para nós, italianos” (Monti, 1917a, p. 4-5).

Em sua resposta Gramsci escreveu que não pretendia entediar seus leitores “com discussões filológicas e gramaticais. O ‘*Avanti!*’ não é um boletim de filologia clássica”. Ainda assim recorreu a argumentos filológicos, reprimendo Monti por não ter anunciado qual das traduções dos livros de Schultz estava citando, se aquela de Raffaello Fornaciari ou a que havia sido publicada pelo seu professor



Luigi Valmaggi.<sup>28</sup> Censurou também a seu interlocutor por confundir a gramática “histórica”, a única que poderia ser denominada científica e amparada em uma pesquisa filológica, com a gramática “empírica”, expressão com a qual se designava o estudo gramatical com a simples função prática de aprender uma língua (*S*, p. 679). E ainda o criticou por ignorar a diferença entre as escolas alemã e italiana nas pesquisas filológicas e gramaticais, o que teria feito a Monti apoiar as ideias de Luigi Ceci e Enrico Cochia, autores de gramáticas latinas, os quais seriam representantes do positivismo filológico alemão e estariam atrasados com relação às contribuições das novas escolas francesa e italiana.<sup>29</sup>

As polêmicas com Romagnoli e Monti são reveladoras do conhecimento que Gramsci tinha do método filológico, da bibliografia mais atualizada, dos debates existentes no campo e da história da filologia e das disciplinas auxiliares. O uso que fez desse conhecimento nessas situações foi instrumental. Mobilizou a filologia para combater seus adversários – filólogos e classicistas – no próprio terreno em que eles exercitavam suas carreiras docentes. Em uma sociedade na qual a cultura universitária e escolar mesclava-se com a política, esse recurso polêmico tinha um efeito notável sobre a opinião pública. O interesse de Gramsci por esse tipo de polêmica parece, entretanto, ter se esvaído e nos anos seguintes a filologia praticamente desapareceu de seus textos.<sup>30</sup> Retornará, e com força marcante, nos *Quaderni del carcere*.

#### 4. Filologia e método histórico

Foi apenas na prisão que aquele interesse juvenil pela filologia foi revisitado e recebeu um novo impulso. Naqueles diferentes planos de trabalho que escreveu para orientar seus estudos e informar a respeito não há menção à filologia. A linguística, entretanto,

---

<sup>28</sup> A editora Loescher, de Torino, havia republicado em 1912 uma edição da *Kleine lateinische Sprachlehre*, traduzida por Fornaciari, e uma edição da *Lateinische Schulgrammatik Erweiterte Ausgabe der “Kleine lateinische Sprachlehre” von Ferdinand Shultz unter Mitwirkung desselben bearbeitet von Martin Wetzels*, traduzida por Valmaggi. Ambas tinham o título em italiano de *Piccola grammatica latina*. A crítica de Gramsci calou fundo e, em uma segunda versão do texto, Monti indicou ter utilizado a edição de Fornaciari (conforme o aparato crítico de *S*, p. 680n–681n).

<sup>29</sup> A referência aqui é à linguística de Michel Bréal e Gaston Paris, na França, e dos já citados Ascoli e Bartoli, na Itália.

<sup>30</sup> A exceção encontrada é uma rápida referência sarcástica ao “senso filológico do erudito e do arqueólogo” a partir do qual Rodolfo Mondolfo pensaria o marxismo (*L'Ordine Nuovo*, a. I, n. 2, 15 mag. 1919; ON, p. 25).

ocupava um lugar de destaque já em uma missiva de 19 março 1927, dirigida a sua cunhada Tatiana, na qual apresentou pela primeira vez seu plano de pesquisas na prisão. Na carta, Gramsci afirmou querer dedicar-se a um “estudo de linguística comparada”. E a esse respeito relembrou seu velho mestre:

Um dos maiores ‘remorsos’ intelectuais da minha vida é a profunda dor que causei ao meu bom professor Bartoli, da *Università di Torino*, o qual estava convencido de que eu seria o arcanjo destinado a acabar definitivamente com os ‘neogramáticos’, já que ele, da mesma geração e ligado por milhões de laços acadêmicos a essa tropa de homens infames, não queria ir em suas declarações além de um certo limite estabelecido por conveniências e pela deferência aos antigos monumentos funerários da erudição (L, p. 56).

Embora não pretendesse levar a cabo nenhum estudo estritamente filológico, a filologia permanecia sempre como o método que orientava suas investigações. Contando, em 3 de agosto de 1931, a sua cunhada Tatiana Schucht, a respeito de suas pesquisas sobre os intelectuais italianos, um tema ao qual dedicou grande energia na prisão, Gramsci mencionou, com uma ponta de autoironia, seus estudos universitários e o impacto destes sobre seus hábitos intelectuais: “Também deve ser levado em consideração que o hábito de rigorosa disciplina filológica, adquirida durante os estudos universitários, me deu uma excessiva, talvez, provisão de escrúpulos metódicos” (L, p. 442). E no mês seguinte, voltando ao tema, explicou a relação de sua pesquisa sobre os intelectuais com uma teoria do Estado. Gramsci finalizava sua carta demonstrando ainda estar ativo intelectualmente e expondo o tipo de estudos que levava a cabo na prisão: “Limito-me a escrever sobre assuntos filológicos e filosóficos, daqueles para os quais Heine escreveu: eles eram tão chatos que adormeci, mas o tédio era tanto que me obrigou a acordar” (L, p. 460).

As duas cartas de 1931 constituem um importante conjunto, no qual Gramsci expôs não apenas a Tania, mas também a Piero Sraffa, seu interlocutor oculto, e por meio dele ao vértice do *Partito Comunista d'Italia*, seu trabalho intelectual na prisão.<sup>31</sup> Mas além de

---

<sup>31</sup> As cartas de Gramsci eram copiadas por Tania e encaminhadas a Sraffa, que por sua vez as transmitia ao Partido. O prisioneiro estava ciente desse procedimento e em mais de uma vez fez solicitações a seu amigo na correspondência a Tania. Sobre a história desse intercâmbio, ver Vacca (2012). Sobre a importância do intercâmbio para o projeto de uma história dos intelectuais, Bianchi (2017).

informar a respeito da pesquisa, Gramsci destacou o método filológico que guiava suas investigações. Apesar da dificuldade de obter as fontes necessárias para sua investigação, manifestava preocupação com a qualidade daquilo que lhe chegava em mãos e refletia metodologicamente sobre os procedimentos mais adequados a um trabalho rigoroso. Revelava, assim, um sólido treinamento no método filológico e na aplicação deste aos mais diversos materiais. É o que se depreende de uma nota inscrita no *Primo quaderno*, redigida entre fevereiro e março de 1930, na qual Gramsci refletia a respeito da publicação de diferentes variantes de discursos parlamentares:

Ao lidar com uma atividade parlamentar específica, é necessário manter certos critérios de pesquisa e julgamento: quando um deputado de um partido de massa fala no parlamento, pode haver três versões de seu discurso: 1º a versão das atas parlamentares, que geralmente é revisada, corrigida e frequentemente edulcorada pós-festum; 2º a versão do órgão oficial do partido ao qual o deputado pertence: a qual é combinada pelo deputado e o correspondente do jornal para não afetar certas suscetibilidades da maioria oficial do partido e não criar obstáculos prematuros a certas combinações em andamento; 3º a versão dos jornais de outros partidos ou dos chamados órgãos de opinião pública (jornais amplamente difundidos), elaborada pelo deputado em acordo com os respectivos correspondentes, a fim de favorecer certas combinações em curso” (Q1§43, p. 31).<sup>32</sup>

Nenhuma dessas variantes poderia ser considerada uma versão exata do discurso, mas a percepção de que cada uma delas tinha modos próprios de produção e objetivos diferentes permitiria chegar a um juízo razoável a respeito do valor de cada uma delas. Essa inesperada filologia dos discursos parlamentares revelava procedimentos de crítica textual que se assemelhavam sob diversos aspectos a algumas orientações básicas do método lachmanniano da *collatio*, embora a especificidade das variantes exigisse um uso criativo deste, mais próxima das inovações que tiveram lugar posteriormente no método.<sup>33</sup> Não há, entretanto, registros documentais de que Gramsci conhecesse o método lachmanniano e

---

<sup>32</sup> Para a datação interna dos *Quaderni del carcere*, ver o imprescindível estudo de Gianni Francioni (1984) e a atualização levada a cabo por Giuseppe Cospito (2011a).

<sup>33</sup> Sobre o método de Karl Lachmann ver Pasquali (1962 [1934]), sobre seus antecedentes, Timpanaro (2004). De acordo com Contini: a “primeira precaução a ser tomada é determinar se o texto a ser reproduzido ou reconstruído é um ou mais de um” (Contini, 2014, p. 12).

a posterior crítica neolachmanniana, embora, como visto tenha tido uma formação consistente em filologia clássica e moderna.<sup>34</sup> Vale ainda destacar que a intersecção entre os métodos da linguística e da crítica textual é conhecida, assim como o uso por parte da crítica textual de critérios semelhantes àqueles apresentados por Bartoli para o estudo das línguas, em particular o critério da “fase conservada em áreas laterais”, segundo o qual duas formas análogas encontradas em áreas periféricas distantes têm muita probabilidade de serem originais (ver a respeito Pasquali, 1962 [1934], p. 7–8).

Os procedimentos filológicos utilizados por Gramsci para identificar e classificar as fontes e as variantes textuais foram mais uma vez explicitados no § 1 do *Quaderno 4*, o qual abre a *Prima serie* dos “Appunti di filosofia. Materialismo e idealismo”. Nessa série, Gramsci pretendia reunir suas anotações de estudo sobre a teoria marxista e o materialismo histórico. No parágrafo que abre os “Appunti” achou por bem registrar algumas importantes observações de caráter filológico. Julgava de grande importância conduzir a pesquisa “com o máximo de escrupulo de exatidão e de honestidade científica” e seguir “o processo de desenvolvimento intelectual do pensador, para reconstruí-lo segundo os elementos que se tornaram estáveis e permanentes”. Para tal, um cuidado especial com as fontes era necessário. Segundo Gramsci,

No caso de Marx, a obra literária pode ser dividida nestas categorias: 1) obras publicadas sob a responsabilidade direta do autor: dentre estas, em geral, não apenas aquelas materialmente entregues para publicação, mas também os escritos pretendidos para operar imediatamente, mesmo se não impressos, como cartas, circulares, manifestos etc. (exemplo típico: as Glosas ao programa de Gotha e a correspondência); 2) trabalhos não publicados sob responsabilidade direta do autor, mas por outros após sua morte: quanto a isso, seria bom ter um texto diplomático, que ainda não tivesse sido reelaborado

---

<sup>34</sup> Na segunda metade da década de 1920 vieram à luz importantes críticas e revisões do método lachmanniano. Entre 1926 e 1928, Henri Quentin (1926) publicou sua crítica a Lachmann, sugerindo uma maior ênfase nas variantes; logo depois foi a vez de Paul Maas (1927) apresentar sua proposta de correção do método lachmanniano resenhada pouco depois por Giorgio Pasquali (1929), o qual mais tarde expandirá a resenha no clássico *Storia della tradizione e critica del testo* (Pasquali, 1962 [1934]); e, em 1928, foi a vez do ensaio seminal Joseph Bédier (1928), revendo a tradição manuscrita de *Lai de l'Ombre*, poema cortesão do século XIII, que ele próprio havia editado no final do século XIX a partir de seis diferentes fontes textuais (Renart, 1890). Na prisão, Gramsci não teve como acompanhar essas publicações e muito provavelmente sequer tomou conhecimento delas.

pelo compilador, ou pelo menos uma descrição meticulosa do texto original feita com critérios diplomáticos” (Q4§1, p. 419-20).

Também deveria merecer atenção o material preparatório reunido por Marx para a redação de trabalhos que foram depois publicados por ele mesmo. Este material jogaria luz não apenas sobre o processo de produção do autor, mas também “daria a este estudo algumas pistas para avaliar criticamente a confiabilidade da redação compilada por outros das obras inéditas” (Q4§1, p. 420). Observações importantes foram feitas nessa nota, ainda, a respeito do estilo próprio do epistolário e da qualidade deste como fonte bibliográfica. Enfim, um conjunto de anotações metodológicas que deveriam orientar uma investigação ideal, na qual todas as fontes estivessem disponíveis. Embora Gramsci não use neste parágrafo o conceito de filologia, as observações feitas nele são próprias de uma *filologia d'autore*, atenta às variantes e à reconstrução do percurso intelectual do autor.<sup>35</sup>

Obviamente Gramsci não tinha condições de levar a cabo uma pesquisa deste porte na prisão e era consciente disso. Permanecem, entretanto, os cuidados que julgava necessários tomar em uma pesquisa sobre uma obra tão vasta e complexa como a de Marx, mas também em toda pesquisa de história da cultura. Togliatti captou de modo preciso os efeitos dessa atitude na crítica que Gramsci havia feito no ataque, por parte de Benedetto Croce, à lei da queda tendencial da taxa de lucro (Q10/II§33, p. 1278). No já citado discurso de homenagem ao antigo secretário geral do Partido Comunista, realizado na *Università di Torino*, em 1949, Togliatti

---

<sup>35</sup> As bases de uma filologia das variantes são anunciadas por Gianfranco Contini poucos anos depois de Gramsci ter redigido estas notas, em um célebre texto publicado no jornal *Il Meridiano di Roma* a respeito da publicação por Santorre Debenedetti dos fragmentos autógrafos de *Orlando furioso*, o poema épico de Ludovico Ariosto (Contini, 1937). A coincidência dessa filologia das variantes com certos apontamentos metodológicos de Gramsci torna-se ainda mais surpreendente quando na segunda versão desse parágrafo, Gramsci acrescentou uma observação sobre a o conjunto da obra de um autor, a qual “dá lugar a uma série de ‘descartes [*scartiz*]’, isto é, de doutrinas e teorias parciais pelas quais o pensador pode ter tido, em certos momentos, uma simpatia, e até mesmo tê-las aceito provisoriamente e ter se servido delas para seu trabalho crítico ou de criação histórica e coentífica” (Q16§2, p. 1841). Esta surpreendente menção aos “descartes [*scartiz*]” antecipa a “*critica degli scartafacci*” que será, anos mais tarde, o ponto central da polêmica entre Croce (1947) e Contini (1948). Sobre essa polêmica ver o comentário de Michele Ciliberto (2013). As observações de Gramsci a respeito da obra de Marx permitem inferir, por outro lado, que estava ao par das pesquisas de David Riazanov no âmbito da primeira *Marx-Engels Gesamtausgabe* (sobre a primeira MEGA ver Da Gama Cerqueira, 2009; Zhao, 2013a, 2013b, 2014).

afirmou que a crítica de Gramsci era “primeiramente uma confutação de natureza filológica”, uma vez que o argumento principal era o de que o filósofo idealista não havia “lido tudo aquilo que Marx escreveu a propósito, não apenas no terceiro volume de *O Capital*, mas primeiramente, no primeiro volume” (Togliatti, 2001, p. 141).<sup>36</sup>

São esses cuidados os que levaram Gramsci a redigir uma nota presente no *Quaderno 6*, escrita provavelmente em dezembro de 1931, a qual não terá uma segunda versão: “Solicitar os textos”. Isto é, fazer os textos dizerem por amor às teses, mais do que os textos realmente dizem. Esse erro de método filológico também ocorre fora da filologia, em todas as análises e exames das manifestações da vida” (Q6§198, p. 838). Sergio Caprioglio afirmou que a origem da expressão “solicitar os textos” era um artigo de Paolo Vita-Finzi sobre os planos quinquenais soviéticos, publicado na revista *La Cultura* de janeiro-março de 1931. O artigo comentava a manipulação das estatísticas pelo governo soviético “pelo interesse político do Governo e do Partido em ‘solicitar os textos’” (apud Caprioglio, 1991, p. 68). Giuseppe Cospito demonstrou – filologicamente – que essa não poderia ser a fonte, uma vez que o artigo de Vita-Finzi é de julho-setembro de 1932, posterior portanto à nota de Gramsci, e não de 1931 como afirmado por Caprioglio (Cospito, 2011b, p. 135). O mesmo Cospito apontou que a fonte pode ser *Réflexions sur la violence*, de Georges Sorel, um texto que Gramsci conhecia muito bem e no qual há um comentário do autor a respeito de artigo publicado por Georges Clemenceau com o título “L’art de solliciter les textes” (Sorel, 1910, p. 160; Cospito, 2011b, p. 135). Mas como o próprio artigo de Vita-Finzi mostra, essa expressão era de uso comum e outra poderia ser a fonte de Gramsci.

Os escrúpulos que recorrentemente Gramsci demonstrou a respeito de sua própria pesquisa e as frequentes “cautelos” que impôs a sua investigação, as quais impediam de “solicitar os textos” remetiam todas ao trabalho filológico.<sup>37</sup> Naquele § 1 do *Quaderno 4*

---

<sup>36</sup> Segundo Gramsci: “Croce apresenta como objeção à teoria exposta no Volume III, aquela parte da discussão contida no Volume I, ou seja, expõe como objeção à lei tendencial da queda da taxa de lucro a demonstração da existência de uma mais-valia relativa devido ao progresso técnico, sem, entretanto, mencionar o volume I, como se se a objeção tivesse origem em seu cérebro, ou até fosse resultado de bom senso” (Q10/II§33, p. 1278).

<sup>37</sup> Sobre as “cautelos” de Gramsci, ver Cospito (2015).

o método exposto era certamente filológico, mas a filologia não era citada explicitamente por Gramsci, assim como não havia sido mencionada no §43 do *Primo quaderno* acima apresentado. Na segunda versão do texto metodológico que abre os “Appunti di filosofia”, entretanto, inserida no *Quaderno 16 (Argomenti di cultura I)* e redigida provavelmente entre junho e julho de 1932, Gramsci houve por bem explicitar que sua pesquisa era de caráter filológico e ampliar as exigências próprias da investigação:

Se se deseja estudar o nascimento de uma concepção do mundo que nunca foi sistematicamente exposta por seu fundador (e cuja coerência essencial deve ser procurada não em cada escrito ou cada série de escritos, mas em todo o desenvolvimento do trabalho intelectual variado no qual os elementos da concepção estão implícitos) é necessário realizar preliminarmente um *trabalho filológico* detalhado e conduzido com o máximo escrúpulo de precisão, honestidade científica, lealdade intelectual, ausência de quaisquer preconceito e apriorismo ou tomada de partido” (Q16§2, p. 1840-1. Grifos meus).

Essa revalorização da filologia pode ser vista também nas alterações que Gramsci promoveu no parágrafo seguinte do *Quaderno 16* (§ 3), uma nota presente originalmente naqueles mesmos “Appunti di filosofia” do *Quaderno 4* (§ 5). A primeira versão do parágrafo estava inserida no contexto daquela crítica ao *Saggio popolare* de Bukharin que culminaria depois no *Quaderno 11*.<sup>38</sup> Gramsci sugeria como modelo alternativo o já citado *Lehrbuch der historischen Methode* de Ernst Bernheim. O parágrafo, intitulado “Materialismo storico e criteri o canoni pratici di interpretazione della storia e della politica”, apresentava a filologia como uma ferramenta própria do método histórico exposto por Bernheim e colocava o “*metodo filológico*” entre aspas, destacando sua posição no interior da exposição desse autor.

Em uma nota à margem do texto do § 5, Gramsci remeteu ao § 9 do mesmo *Quaderno 4*, intitulado “Un repertorio del marxismo”. Nesse parágrafo afirmava o projeto de redação de um manual alternativo, que reunisse “todas as questões levantadas pelo marxismo: material, hipóteses, tentativas de resolver etc.” Gramsci acreditava que uma iniciativa desse tipo “teria uma importância não

<sup>38</sup> Gramsci conhecia o livro antes da prisão. Na cadeia solicitou em 25 de março de 1929 uma edição francesa, para sua pesquisa sobre a teoria da história: “Sobre a teoria da história gostaria de ter um volume francês publicado recentemente: Boukharine - Théorie du matérialisme historique, Editions Sociales – Rue Valette 3, Paris (Ve)” (L, p. 248)

desprezível no campo escolar e propedêutico e seria uma ferramenta de primeira ordem para a difusão dos estudos sobre o marxismo” (Q4§9, p. 432). Embora esse projeto tivesse nascido a partir da crítica ao *Saggio popolare* de Bukharin ganhou autonomia e uma importância própria na pesquisa de Gramsci. É por essa razão que a versão mais elaborada desse projeto não encontrou lugar no *Quaderno 11* e sim em outra sede. No § 3 do *Quaderno 16*, Gramsci reescreveu essas duas notas invertendo a ordem delas sob o título “Un repertorio della filosofia della práxis”, reafirmando desse modo aquele projeto de redação de uma manual da filosofia da práxis, o qual passava a ser visto agora como uma obra de caráter enciclopédico, que só poderia ser levada a cabo coletivamente, por um “comitê de redação (...) em um tempo que não será breve” (Q16§3, p. 1844).

A segunda parte desse parágrafo retomava o § 5 do *Quaderno 4* e dizia respeito ao método que deveria ser utilizado na execução desse repertório enciclopédico.. As alterações inseridas na segunda versão do texto são importantes. Chama a atenção que na nota do *Quaderno 16*, a filologia, sem aspas, era remetida ao interior da própria filosofia da práxis e se tornava parte constitutiva desta. Comparem-se as versões:

“O livro de Bernheim não é um tratado da filosofia do historicismo, isto é da filosofia moderna, embora implicitamente lhe seja ligado. A ‘sociologia marxista’ (cf. o *Saggio popolare*) deveria estar para o marxismo como o livro de Bernheim está ao historicismo: uma coletânea sistemática de critérios práticos de pesquisa e de interpretação, um dos aspectos do ‘método filológico’ geral. Sob alguns pontos de vista se deveria fazer, com relação a algumas

“O livro de Bernheim não é um tratado da filosofia do historicismo, isto é da filosofia moderna, embora implicitamente lhe seja ligado. A chamada ‘sociologia da filosofia da práxis’ deveria estar para esta filosofia como o livro de Bernheim está ao historicismo em geral, isto é, ser uma exposição sistemática de cânones práticos de pesquisa e de interpretação para a história e a política; uma coletânea de critérios imediatos, de cautelas críticas, etc. Uma *filologia da história e da política, como são*



tendências do materialismo histórico (e, por acaso, as mais difundidas) a mesma crítica que o historicismo fez do velho método histórico e da velha filologia, que tinham conduzido a novas formas ingênuas de dogmatismo e substituíam a interpretação pela descrição exterior, mais ou menos exata dos fenômenos e especialmente repetindo sempre: ‘nós somos seguidores do método histórico’” (Q4§5, p. 425).

*concebidas pela filosofia da práxis.* Para algumas questões se deveria fazer, com relação a algumas tendências do materialismo histórico (e, por acaso, as mais difundidas pela sua grosseria) uma mesma crítica (ou tipo de crítica) que o historicismo fez do velho método histórico e da velha filologia, que tinham conduzido a novas formas ingênuas de dogmatismo e substituíam a interpretação e a construção histórica pela descrição exterior e o elenco das fontes brutas frequentemente acumuladas de maneira desordenada e incoerente” (Q16§3, p. 1845. Grifos meus).

Como compreender o projeto de um repertório enciclopédico, a necessidade de explicitar o método da investigação e o novo lugar que a filologia ocupa nele? De acordo com Roberto Dainotto, quando da primeira versão do § 1, no *Quaderno 4*, Gramsci partilhava com Croce uma visão, expressa em *Storia dell'età barocca in Italia*, obra publicada recentemente, que opunha a Reforma protestante ao Renascimento e via neste último uma expressão cultural das elites e na filologia uma manifestação aristocrática da cultura humanista (Croce, 1929). Mais tarde, a partir de 1933, Gramsci abandonou essa oposição croceana, revalorizando a filologia (Dainotto, 2009, p. 51).<sup>39</sup> A explicação apresentada por Dainotto, carrega consigo um problema cronológico, uma vez que atribui a redação do *Quaderno 16* aos anos 1933-1934, seguindo a indicação presente na edição Gerratana, quando Gramsci já teria

<sup>39</sup> Dainotto ampara sua afirmação sobre os usos por Gramsci da dupla conceitual Reforma-Renascimento em Fabio Frosini, o qual apontou que a partir de 1933, Gramsci não fez mais referências à oposição Reforma e Renascimento, passando a uma visão mais matizada deste último, na qual aspectos regressivos (separação entre intelectuais e povo-nação) e progressivos (desenvolvimento dos grupos intelectuais) se combinavam (Frosini, 2004, p. 184-187).

parado de fazer uso da oposição Reforma-Renascimento. Entretanto, estudos mais recentes apontam que esse *Quaderno*, e seus primeiros parágrafos, começaram a ser redigidos em junho ou julho de 1932 (Francioni & Cospito, 2009). Que Gramsci ainda recorria a essa oposição fica evidente no citado §9 desse *Quaderno*, o qual reproduz sobre a Reforma e o Renascimento praticamente o mesmo argumento do §3 do *Quaderno 4*, citando em ambas as versões à mesma passagem do livro de Croce.

Alternativamente é possível esboçar duas diferentes hipóteses explicativas para essa revalorização da filologia, as quais não se excluem entre si e podem mesmo ser complementares. A primeira hipótese procura uma resposta para o enigma no próprio § 3 do *Quaderno 16* e no “repertório da filosofia da práxis” ali anunciado. A proposta do repertório se insere em um amplo projeto de restauração do marxismo, anunciado alguns parágrafos à frente, em um texto intitulado “Alcuni problemi per lo studio dello svolgimento della filosofia della práxis”. Reelaborando notas presentes anteriormente nos “Appunti di filosofia” do *Quaderno 4*, Gramsci reafirmou uma história da filosofia da práxis na qual esta havia sido submetida a “uma dupla revisão, (...) uma dupla combinação filosófica”. Por um lado, “alguns de seus elementos, de modo implícito ou explícito, foram absorvidos e incorporados por algumas correntes idealistas”; por outro, os “ortodoxos” acreditaram encontrar seus fundamentos filosóficos no “materialismo tradicional” (Q16§9, p. 1854-5). A alternativa, para estas duas correntes de revisão do marxismo, estaria para Gramsci em Antonio Labriola e em sua afirmação de que “a filosofia da práxis é uma filosofia independente e original que tem em si própria os elementos de um desenvolvimento posterior para passar de interpretação da história a filosofia geral” (Q16§9, p. 1855).<sup>40</sup>

O “repertório” era concebido como uma enciclopédia que deveria inaugurar uma nova era “moderna” nos “estudos sobre a filosofia da práxis”, concebida justamente como uma filosofia

---

<sup>40</sup> Segundo Labriola, em *Discorrendo di socialismo e di filosofia*, “essa doutrina carrega em si as condições e os modos de sua própria filosofia e é, tanto na origem quanto na substância, intimamente internacional” (Labriola, 1976a [1898], p. 679). Sobre a importância de Labriola para essa revalorização da filologia, ver (Daionotto, 2009, p. 52). O próprio Labriola já havia destacado a importância da filologia em seu ensaio de 1896 sobre o materialismo histórico: “O que seria da nossa ciência histórica sem a unilateralidade da Filologia, que é a ajuda instrumental de todas as pesquisas” (Labriola, 1976 [1896], p. 570).

independente e original. Para tal era necessário deixar para trás um passado “de improvisações, papagaiadas e diletantismos” (Q16§3, p. 1845). A crítica ao marxismo soviético que confluía para os *quaderni 10 e 11* encontraria sua *pars construens* nesse repertório. Que o método para levar a cabo essa grande empreitada fosse o filológico não restam dúvidas. A comparação que Gramsci fez entre esse repertório e “todo o material do mesmo tipo publicado pelos católicos de vários países a propósito da Bíblia, dos Evangelhos, da Patrologia, da Liturgia, da Apologética” (Q16§3, p. 1845), estudos a partir dos quais a moderna crítica textual e a hermenêutica haviam se desenvolvido, deixa evidente o valor do método filológico para a pesquisa.

Uma segunda hipótese concentra a atenção na redação do *Quaderno 10* e na pesquisa de Gramsci sobre o livro de Benedetto Croce, *Storia d'Europa nel secolo decimonono* (Croce, 1999 [1932]). A pesquisa foi sugerida por Piero Sraffa, por intermédio de Tatiana Schucht, em uma carta que esta enviou para Gramsci no dia no dia 12 de abril. Gramsci começou a trabalhar imediatamente nela, a partir daquilo que já possuía na prisão, os três primeiros capítulos do livro, os quais haviam sido publicados pela *Accademia di Scienze Morali e Politiche della Società Reale di Napoli*. Conforme narrou em uma carta do dia 18 de abril, sua pesquisa se concentraria nos “interesses culturais hoje predominantes na atividade literária e filosófica de Croce” e a posição que ele ocuparia “no campo da cultura mundial” (L, p. 560 e 562).

Nos meses seguintes houve uma troca de correspondência sobre o tema envolvendo Gramsci, Tania e Sraffa até que ela se interrompeu bruscamente no início de julho de 1932 devido às novas restrições impostas pelas autoridades prisionais. Gramsci trabalhou intensamente nessa pesquisa, utilizando o *Quaderno 8* para fazer suas primeiras anotações, às quais recorria depois para escrever as cartas sobre o tema. Simultaneamente também deu início ao *Quaderno 10*, com o título *La filosofia di Benedetto Croce*, onde essas notas foram transcritas em uma forma mais polida e definitiva (ver a respeito Francioni, 1984, p. 103–104). O *Quaderno 10* inicia com uma nota intitulada “Alcuni criteri generali metodici per la critica della filosofia del Croce”, a qual não possuía uma versão anterior nos cadernos miscelâneos. A nota contém um conjunto de apontamentos, que orientariam seu estudo definindo

os contornos de um programa de pesquisa e o método que utilizaria. Anunciava aí que não procuraria um “problema filosófico geral” e sim aqueles problemas que a cada momento se conectavam com a “vida atual” (Q10/II, p. 1239).

Nessa nota com a qual o *Quaderno 10* foi inaugurado, provavelmente, na primeira metade de abril (cf. Cospito, 2011a) Gramsci não fez nenhuma referência explícita à filologia, muito embora o método que tenha nela exposto e a pesquisa que se segue seja próprio de uma *filologia d'autore*. Essa anotação no *Quaderno 10* é análoga àquele §2 do *Quaderno 16*, escrito entre o final de junho e o início de julho de 1932, no qual a filologia era anunciada como método. A comparação do texto das duas notas permite identificar fortes semelhanças não apenas no programa de pesquisa, mas também metodológicas. A diferença está em que no *Quaderno 16* o trabalho de reconstrução das ideias é denominado explicitamente de “lavoro filologico”.

“2) É preciso estudar atentamente os escritos ‘menores’ de Croce, isto é, além da sobras sistemáticas e orgânicas, as coletâneas de artigos, de notas, de pequenas memórias que tem um vínculo maior e mais evidente com a vida, com o movimento histórico concreto.

3) É preciso estabelecer uma ‘biografia filosófica’ de Croce, isto é, identificar as diferentes expressões que assume o pensamento de Croce, a impositação e a resolução diversa de certos problemas, os novos problemas surgidos de seu trabalho e impostos a sua atenção” (Q10/II, p. 1239)

“o trabalho deve seguir estas linhas: 1) a reconstrução da biografia, não apenas no que diz respeito à atividade prática, mas especialmente a atividade intelectual; 2) o registro de todas as obras, mesmo as mais insignificantes, em ordem cronológica, divididas segundo motivos intrínsecos: de formação intelectual, de maturidade, de posse e aplicação do novo modo de pensar e de conceber a vida e o mundo” (Q 16§2, p. 1841).

Escrito quando o trabalho no *Quaderno 10* já se encontrava avançado, o §2 do *Quaderno 16* revela uma forte consciência metodológica a qual pode ter amadurecido nessa pesquisa sobre Benedetto Croce. No *Quaderno 10*, entretanto, quando é feita referência à filologia esta permanece entre aspas, e seu uso é muito mais metafórico, afastando-se da ideia crítica textual. Assim, embora a ideia de uma filologia como método reconhecido possa ter amadurecido no âmbito dessa pesquisa sobre Croce e a história dos intelectuais, é apenas no *Quaderno 16* e no contexto de uma pesquisa sobre o “repertório” que ela é explicitamente anunciada, talvez pelo caráter das fontes e dos materiais necessários para pesquisa, os quais exigiam cuidados extraordinários.

##### 5. “Filologia” e “filologia viva”

Quando Gramsci utilizava o conceito de filologia em seu sentido técnico, ou seja, como sinônimo de crítica textual, este aparece sem aspas. A exceção está em um uso irônico, para questionar o conhecimento filológico de Guido De Ruggiero, colaborador de Benedetto Croce na revista *La Critica*.<sup>41</sup> Mas nos *Quaderni* o conceito de filologia é usado em um outro sentido, metafórico, o qual não se encontrava nos escritos pré-carcerários. Neste novo sentido, aparece entre aspas e designa o método pelo qual a filosofia da práxis poderia chegar à compreensão de uma história marcada pela diversidade dos fatos particulares. A respeito, Gramsci escreveu: “A experiência na qual a filosofia da práxis se baseia não pode ser sistematizada; é a própria história *em sua infinita variedade e multiplicidade*, cujo estudo pode dar origem ao nascimento da ‘filologia’ como um *método de erudição na apuração de fatos particulares* e ao nascimento da filosofia entendida como a metodologia geral da história” (Q11§25, p. 1428-9).<sup>42</sup>

Note-se que Gramsci, nesse mesmo parágrafo usa o conceito sem aspas para referir-se à “filologia como é entendida tradicionalmente”, ou seja, “a filologia” como “a expressão

---

<sup>41</sup> A respeito, Gramsci escreveu, “que de superficial há apenas a informação ‘filológica’ de De Ruggiero, o qual se envergonharia de não conhecer todos os documentos sobre um minúsculo fato da história da filosofia, mas descuida de informar-se de modo mais substantivo sobre acontecimentos gigantesco” (Q10/II§311, p. 1274).

<sup>42</sup> Sobre os diferentes usos que Gramsci faz das aspas nos *Quaderni*, ver Cospito (2015, p. 34-5).

metodológica da importância que os fatos particulares sejam apurados e precisados em sua inconfundível ‘individualidade’” (Q11§25, p. 1429). Isso porque a ênfase nos “fatos particulares”, que na crítica textual chamava a atenção para a “variedade e multiplicidade” dos textos, era concebida como um princípio metodológico essencial para uma “filologia da sociedade” atenta à variedade e multiplicidade dos fatos sociais.<sup>43</sup> Ou seja, o que há em comum entre a filologia e a “filologia” é um princípio metodológico que tem sua origem na crítica textual contemporânea, um princípio com o qual Gramsci se familiarizou seus anos de estudante em Torino.

Gramsci fez este uso, metafórico, da filologia em sua polêmica contra a tentativa levada a cabo por Nicolai Bukharin de reduzir a filosofia da práxis a uma sociologia na qual o comportamento social poderia ser explicado pela “lei dos grandes números”. De acordo com Gramsci, essa lei perderia toda validade com a ação política das multidões. A metáfora era utilizada por Gramsci para explicar a relação existente entre as massas, o partido e seu grupo dirigente, uma relação na qual os sentimentos padronizados das massas são conhecidos pelo partido na medida em que este é parte vital da vida social e, por isso mesmo, traduz em seu interior as experiências destas:

Com a extensão dos partidos de massa e sua adesão orgânica à vida mais íntima (econômico-produtiva) da própria massa, o processo de padronização dos sentimentos populares que era mecânico e casual (ou seja, produzido pela existência ambiental de condições e pressões semelhantes) torna-se consciente e crítico. O conhecimento e o juízo da importância desses sentimentos não se dá mais por parte dos líderes pela intuição apoiada na identificação de leis estatísticas, ou seja, de maneira racional e intelectual, muitas vezes falaciosas – que o líder traduz em ideias-força, em palavras-força – mas acontece por parte do organismo coletivo por ‘compartilhamento ativo e consciente’, por ‘paixão’, por experiência de particularidades imediatas, por um sistema que se pode dizer de ‘filologia viva’. Dessa forma, um vínculo estreito é formado entre a grande massa, o partido, o grupo dirigente e todo o complexo, bem articulado, podendo se mover como um ‘homem coletivo’” (Q11§25, p. 1430).<sup>44</sup>

<sup>43</sup> Michele Filippini observa que Gramsci promove no marxismo a passagem de uma ênfase no dado econômico estrutural, sintetizada na metáfora da “anatomia da sociedade”, para uma “filologia da sociedade” voltada para o estudo do conteúdo político das formas sociais (Filippini, 2010, p. 90).

<sup>44</sup> O texto C, presente no *Quaderno 11* torna mais preciso o argumento apresentado pela primeira vez no § 6 do *Quaderno 7*.

A passagem, de grande complexidade, culmina na descrição de uma cadeia de traduções que permitiria o conhecimento coletivo do conjunto de experiências particulares que formam o todo social. Essa cadeia de traduções na qual a partir da “*infinita variedade e multiplicidade*” se forma o “homem-coletivo” era, justamente, o que Gramsci chamava de “um sistema (...) de ‘filologia’ viva”. O que permite essa tradução é um tipo de relação especial entre partido e massas na qual o “organismo coletivo” é parte da vida do próprio povo.

Gramsci voltaria a este tema em um parágrafo dedicado à passagem “do saber ao compreender, ao sentir e vice-versa, do sentir ao compreender, ao saber” (Q11§67, p. 1505). A nota articulava dois temas muitas vezes tratados ao longo dos Quaderni: a) o problema epistemológico do conhecimento e b) o problema político da separação na Itália entre intelectuais e povo-nação. Primeiro eram tratadas as consequências epistemológicas desse problema político, o erro dos intelectuais que acreditavam ser possível “*saber* sem compreender e especialmente sem sentir e estar apaixonado (não apenas pelo saber em si, mas pelo objeto do saber) isto é, em acreditar que o intelectual possa ser tal (e não um puro pedante) mesmo quando distinto e destacado do povo-nação” (Q11§67, p. 1505). Depois, as consequências políticas desse problema epistemológico: apenas quando o “sentimento-paixão se torna compreensão” seria possível estabelecer uma relação efetiva de representação e “ocorre a troca dos elementos individuais entre governados e governantes, entre dirigente e dirigidos, isto é, se realiza a vida em seu todo que é a única força social, se cria o ‘bloco histórico’” (Q11§67, p. 1505-6).

O § 67 se encerra com uma crítica a Henri De Man, já antecipada no citado § 25 do mesmo *Quaderno 11*, que destaca as consequências políticas desse processo de conhecimento: “De Man ‘estuda’ os sentimentos populares, não con-sente com eles para guia-los e conduzi-los a uma catarse da civilização moderna” (Q11§67, p. 1506). Teoria e prática encontram-se no “organismo coletivo” como ato do conhecimento e como movimento político (cf. Dainotto, 2009, p. 317–318). Aqui estão as consequências políticas da “‘filologia’ viva”. Esta é aquele processo intelectual e coletivo no qual o “sentimento-paixão” se traduz em “compreensão” da realidade política e social e desse modo funda uma prática política

emancipatória que permite superar aquela separação entre governantes e governados, dirigentes e dirigidos, que Gramsci considerava ser o “fato primordial, irreduzível (em certas condições)” sobre a qual se fundamenta toda “a ciência e a arte da política” (Q13§4, p. 1752).

#### *6. Conclusão*

Como método de pesquisa a filologia acompanhou Gramsci desde seus estudos universitários em Torino. Mas, como visto, ela foi mobilizada de maneiras e intensidades diferentes ao longo dessa trajetória. Pode-se dizer que, de certo modo, essa persistência manteve Gramsci sempre conectado com seu passado. A filologia seria, assim, também um elemento “biográfico” na vida do sardo. Em uma carta a sua esposa Julia, em 19 de dezembro de 1932, na qual pedia as notícias que raramente lhe chegavam, ao mesmo tempo em que especulava a respeito do estado de sua companheira, Gramsci recordou: “Uma vez te aconselhei a retomar a música como eu recomencerei os meus estudos de filologia”. O prisioneiro recordava que o estudo da música havia sido o ponto de partida da experiência de Julia. E argumentava em um sentido que seria válido, também para seu retorno à filologia: “pensava que retornando a isso [ao estudo da música] você teria revivido o passado com uma maior consciência crítica e teria retomado as etapas de tua existência, não para repeti-las mecanicamente, mas para recorrê-las intensamente e analisar o elo rompido da cadeia (dado que exista um elo rompido)” (L, p. 656).

A filologia permitiria a Gramsci não apenas retomar o passado com “uma maior consciência crítica”, mas reviver permanentemente seu próprio passado, reconstruindo-o a partir de novas referências. Pode ser considerada, desse modo, um dos tantos fios vermelhos que alinhavam a continuidade que existe entre sua formação e sua vida política. Para uma compreensão mais precisa de sua “vida e pensamento” uma revalorização da filologia torna-se imprescindível.



*Referências bibliográficas*

*Annuario della Regia Università di Torino: 1911-1912*, Torino, Stamperia Reale di Torino, 1912.

Areco, S. (2019), *A filologia vivente de A. Gramsci*, “Mediações”, 24 (1), p. 209–27.

Ascoli, G. I. (1873), *Proemio*, “Archivio Glottologico Italiano”, I, p. V–XLI.

Bédier, J. (1928), *La tradition manuscrite du “Lai de l’ombre”*: réflexions sur l’art d’éditer les anciens textes, “Romania”, 54 (215/216), p. 321–56.

Bernheim, E. (1907), *La storiografia e la filosofia della storia: manuale del metodo storico e della filosofia della storia*, Milano: Remo Sandron.

\_\_\_\_\_ (1908 [1889<sup>1</sup>]), *Lehrbuch der Historischen Methode*, 6a Edition, Leipzig, Duncker und Humblot.

Bertoni, G & Bartoli, M. (1925), *Breviario di neolinguistica*, Modena: Società tipografica modenese.

Bianchi, A. (2019), *Gramsci, Croce e a historia política dos intelectuais*, “Revista Brasileira de Ciências Sociais”, 34 (99), p. e349915 [p. 1-17].

Buttigieg, J. A. (1990), *Gramsci’s Method*, “Boundary 2”, 17 (2), p. 60-81.

Caprioglio, S. (1991), *Gramsci e l’URSS: tre note nei quaderni del carcere*, “Belfagor”, 46 (1), p. 65-75.

Carlucci, A. (2009), *Latino e greco in Liguori, G & Voza, P (org.). Dizionario gramsciano: 1926-1937*, Roma: Carocci, p. 452-3.

\_\_\_\_\_ (2013), *Gramsci and Languages: Unification, Diversity, Hegemony*, Leiden: Brill.

Ciliberto, M. (2013), *Contini, Croce, gli «scartafacci»* in “Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa. Classe di Lettere e Filosofia”, 5 (2), p. 571-97.

Contini, G. (1937), *Come lavorava l’Ariosto* in “Il Meridiano di Roma”, II (29), p. 4.

\_\_\_\_\_ (1948), *La critica degli scartafacci* in: “Rassegna d’Italia”, 3, p. 1048–56.

\_\_\_\_\_ (2014), *Filologia*, Milano: Il Mulino.

Cospito, G. (2011a), *Verso l’edizione critica e integrale dei “Quaderni del carcere”* in: “Studi Storici” 52 (4), p. 881–904.

\_\_\_\_\_ (2011b), *Il ritmo del pensiero: per una lettura diacronica dei “Quaderni del carcere” di Gramsci*, Napoli: Bibliopolis.

\_\_\_\_\_ (2015), *Le “cautele” nella scrittura carceraria di Gramsci* in “International Gramsci Journal”, 1 (4), p. 28–42.

Croce, B. (1894), *La critica letteraria: questioni teoriche*, Torino: Loescher.

\_\_\_\_\_ (1903), Fraccaroli G. “L’irrazionale nella letteratura”, in “Critica”, 1, p. 282-6.

\_\_\_\_\_ (1929), *Storia della Etá Barocca in Italia: pensiero - poesia e letteratura - vita morale*, Bari: Laterza.

\_\_\_\_\_ (1947), *Illusioni sulla genesi delle opere d’arte, documentata dagli scartafacci degli scrittori*, in “Quaderni della “Critica””, 9, p. 93-4.

\_\_\_\_\_ (1999), *Storia d’Europa nel secolo decimono: a cura de Giuseppe Galasso*, Milano: Adelphi.

\_\_\_\_\_ (2001), *Teoria e storia della storiografia: a cura de Giuseppe Galasso*, Milano: Adelphi.

Da Gama Cerqueira, H. E. (2009), *David Riazanov e a edição das obras de Marx e Engels*, in “EconomiA”, 11, p. 199-215.

Dainotto, R. M. (2009), *Gramsci and Labriola: Philology, Philosophy of Praxis*, in Francese, J. (org.). *Perspectives on Gramsci: Politics, Culture and Social Theory*, London & New York: Routledge, p. 64–82.

De Mauro, T. (1963), *Storia linguistica dell’Italia*, Bari: Laterza.

De Sanctis, G. (1904), *L’Irrazionale nell’Iliade* in “Rivista di Filologia e di Istruzione Classica”, XXXII, p. 41–57.

D’Orsi, A. (1999), *Gruppo di professori (e allievi) in un interno. Achille Loria nella facoltà giuridica torinese* in “Quaderni di Storia della Università di Torino”, IV (3), p. 83-116.

\_\_\_\_\_ (2002a), *Alma Mater Taurinensis. L’Ateneo di Torino dall’Unità ai nostri giorni* in *Allievi e maestri: l’Università di Torino nell’Otto-Novecento*, Torino: Celid, p. 13-77.

\_\_\_\_\_ (2002b), *Lo studente che non diviene “dottore”. Antonio Gramsci nella Facoltà di Lettere* in *Allievi e maestri*, cit., p. 149-82.

\_\_\_\_\_ (2017), *Gramsci: una nuova biografia* Milano: Feltrinelli.

Farinelli, A. (1927), *Il romanticismo nel mondo latino* Torino: Fratelli Bocca.

Filippini, M. (2010), *Una filologia della società. Antonio Gramsci e la scoperta delle scienze sociali* in “Scienza & Politica. Per una storia delle dottrine”, 21 (41).

Fonzo, E. (2019), *Il mondo antico negli scritti di Antonio Gramsci*, Mercato San Severino: Paguro.

Fraccaroli, G. (1903), *L'irrazionale nella letteratura* Torino: Fratelli Bocca.

Francioni, G. (1984), *L'Officina gramsciana: ipotesi sulla struttura dei "Quaderni del carcere"*, Napoli: Bibliopolis.

Francioni, G. & Cospito, G. (2009), *Nota introduttiva al Quaderno 16 (1932-1934)* in Gramsci, A. *Quaderni del carcere: edizione anastatica dei manoscritti*, Roma & Cagliari: Istituto della Enciclopedia Italiana & L'Unione Sarda, v. 15, p. 191–201.

Frosini, F. (2004), *Riforma e Rinascimento* in Frosini, F & Liguori, G. (org.), *Le parole di Gramsci: per un lessico dei Quaderni del carcere*, Roma: Carocci, p. 170-188.

Gramsci, A. (1977 [1975<sup>1</sup>]), *Quaderni del carcere*, a cura di V. Gerratana, Torino: Einaudi.

\_\_\_\_\_ (1980), *Cronache torinesi, 1913-1917*, a cura di Sergio Caprioglio, Torino: Einaudi.

\_\_\_\_\_ (1982), *La città futura, 1917-1918*, a cura di Sergio Caprioglio, Torino: Einaudi.

\_\_\_\_\_ (1984), *Il nostro Marx, 1918-1919*, a cura di Sergio Caprioglio, Torino: Einaudi.

\_\_\_\_\_ (1987), *L'Ordine nuovo, 1919-1920*, a cura di V. Gerratana ed A. A. Santucci, Torino: Einaudi (*Scritti*, 1913-1926, v. 4).

\_\_\_\_\_ (1996), *Lettere dal carcere (L)*, a cura di A. A. Santucci, Palermo: Sellerio.

\_\_\_\_\_ (2009), *Epistolario: gennaio 1906-dicembre 1922 (E)*, Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, v. 1.

\_\_\_\_\_ (2015), *Scritti (1910-1926): 1917* a cura di L. Rapone (S), Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, v. 2.

\_\_\_\_\_ (2016), *Appunti di glottologia, 1912-1913*, a cura di G. Schirru, Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.

Hummel, P. (2000), *Histoire de l'histoire de la philologie: étude d'un genre épistémologique et bibliographique*, Genève: Droz.

Ives, P. & Lacorte, R. (eds) (2010), *Gramsci, Language, and Translation*, Lanham, Md.: Lexington.

Labriola, A. (1976a [1898<sup>1</sup>]), *Discorrendo di socialismo e di filosofia in Scritti filosofici e politici*, a cura di F. Sbarberi. Torino: Einaudi, p. 658-793.

\_\_\_\_\_ (1976b [1896<sup>1</sup>]), *Del materialismo storico. Dilucidazione preliminare* in *Scritti filosofici e politici*, a cura di F. Sbarberi. Torino: Einaudi, v. 2, p. 531–657.

Lana, I. (org.) (2000), *Storia della Facoltà di lettere e filosofia dell'Università di Torino*, Firenze: Olschki.

Leonetti, A. (1978), *Un ricordo di Gramsci studente* in *Lettere* in “Belfagor”, 33 (1), p. 85-6.

Lignana, G. (1868), *La filologia al secolo XIX: Discorso*, Napoli: Detken e Rocholl.

Lo Piparo, F. (1979), *Lingua, intellettuali, egemonia in Gramsci*, Roma & Bari: Laterza.

Lucchini, G. (2008), *Le origini della scuola storica: storia letteraria e filologia in Italia, 1866-1883*, Pisa: ETS.

Lussana, F. (2006), *Gramsci e la Sardegna. Socialismo e socialsardismo dagli anni giovanili alla grande guerra* in “Studi storici”, 47 (3), p. 609-35.

Maas, P. *Textkritik*, Leipzig: Teubner, 1927.

Michels, R. (1979 [1926<sup>1</sup>]), *Storia critica del movimento socialista italiano fino al 1911*, Roma: Il Poligono.

Monti, A. (1917a), *Risposta all'Avanti!* in “Il Fascio Studentesco per la Guerra e l'Idea Nazionale”, I (2), p. 4-5.

\_\_\_\_\_ (1917b) *Recensione critica: Gli esercizi latini di F. Schultz* in “Il Fascio Studentesco per la Guerra e l'Idea Nazionale”, I (1), p. 4-5.

Pasquali, G. (1929), *Paul Maas: Textkritik*, Leipzig und Berlin: Teubner 1927. 18 S. (*Einleitung in die Altertumswissenschaft*, Herausg. von Gercke und Norden. 1, 2.) in “Gnomon”, 5 (8), p. 417-35.

\_\_\_\_\_ (1962 [1934<sup>1</sup>]), *Storia della tradizione e critica del testo*, 2 ed. con nuova prefazione e aggiunta di tre appendici, Firenze: Le Monnier.

Pezzi, D & Müller, G. (1873), *Proemio*, “Rivista di Filologia e di Istruzione Classica”, I (1), p. 1-5.

Pfeiffer, R. (1976), *History of Classical Scholarship from 1300 to 1850*, Oxford: Clarendon Press.

Quaranta, G. (1952), *A colloquio con Augusto Rostagni e Annibale Pastore. Due professori ci parlano di Gramsci studente a Torino*, “L'Unità”, 27 abr. 1952, p. 3.

Quentin, H. (1926), *Essais de critique textuelle (ecdotique)*, Paris: Picard.

Ramorino, F. (1895), *A proposito del "Manuale Storico Bibliografico di Filologia classica" di L. Valmaggi*, in "Rivista di Filologia e di Istruzione Classica", v. 23, p. 365.

Renart, J. (1890), *Le lai de l'ombre: publié par Joseph Bédier*, Fribourg: L'Oeuvre de Saint-Paul.

Riemann, H. (1903), *Storia universale della musica*, Torino: Marcello Capra.

Romagnoli, E. (1917), *Minerva e lo scimmione*, Bologna: Zanichelli.

Rosiello, L. (1970), *Problemi linguistici negli scritti di Gramsci* in Rossi, P. (a cura di) *Gramsci e la cultura contemporanea: Atti del convegno internazionale di studi gramsciani tenuto a Cagliari il 23-27 aprile 1967*, Roma: Editori Riuniti & Istituto Gramsci. v. 2, p. 310–11.

\_\_\_\_\_ (1986), *Linguistica e marxismo nel pensiero di Antonio Gramsci* in Ramat, P., H-J. Niederehe & E.F.K. Koerner (org.). *The History of Linguistics in Italy*, Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, p. 237–58.

Russo, L. (1947), *Antonio Gramsci e l'educazione democratica in Italia*, in "Belfagor", 2 (4), p. 395–411.

Schirru, G. (2011), *Antonio Gramsci studente di linguistica* in "Studi storici", 52 (4), p. 925-73.

\_\_\_\_\_ (2016), *Introduzione in Gramsci, A. Appunti di glottologia, 1912-1913*, a cura di Giancarlo Schirru, Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, p. XI–XLIV.

\_\_\_\_\_ (2017), *Antonio Gramsci collaboratore del "Romanisches etymologisches Wörterbuch" (con una cartolina inedita di Matteo Bartoli)* in "Atti del Sodalizio Glottologico Milanese", X, p. 79-90.

Sorel, G. (1910), *Réflexions sur la violence*, 2. ed. Paris: Rivière.

Strappini, L. (1995), *Farinelli, Arturo* in *Dizionario Biografico degli italiani*, Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, v. XLV.

Timpanaro, S. (1972a), *Il primo cinquantennio della "Rivista di filologia e d'istruzione classica"* in "Rivista di Filologia e di Istruzione Classica", 100, p. 387-441.

\_\_\_\_\_ (1972b), *Graziadio Ascoli* in "Belfagor", 27 (2), p. 149-76.

\_\_\_\_\_ (2004), *La genesi del metodo del Lachmann*, Torino: UTET.

Togliatti, P. (2001), *Scritti sur Gramsci* (a cura di Guido Liguori), Roma: Editori Riuniti.

Vacca, G. (2012), *Vida e pensamento de Antonio Gramsci (1926-1937)*, Rio de Janeiro & Brasília: Contraponto & Fundação Astrojildo Pereira.

Valmaggi, L. (1894), *Manuale storico-bibliografico di filologia classica*, Torino & Palermo: C. Clausen.

\_\_\_\_\_ (1903), *Fraccaroli, L'irrazionale nella letteratura* in "Bollettino di Filologia Classica", X (6), p. 121.

Wilamowitz-Moellendorff, U. Von (1982) *History of Classical Scholarship [Geschichte der Philologie*, Leipzig: Teubner, 1921], Baltimore, Md.: Johns Hopkins University.

Wolf, F. A. (2002 [1807<sup>1</sup>]), *Esposizione della scienza dell'antichità secondo concetto, estensione, scopo e valore*, a cura di S. Cerasuolo, Napoli: Bibliopolis.

Zhao, Yulan (2013a), *The Historical Birth of the First Historical-Critical Edition of Marx-Engels-Gesamtausgabe* in "Critique", 41 (3), p. 317-37.

\_\_\_\_\_ (2013b), *The Historical Birth of the First Historical-Critical Edition of Marx-Engels-Gesamtausgabe*, Part 2 in "Critique", 41 (4), p. 475-94.

\_\_\_\_\_ (2014), *The Historical Birth of the First Historical-Critical Edition of Marx-Engels-Gesamtausgabe*, Part 3 in "Critique", 42 (1), p. 11-24.